

Egeslaine de Nez
Diana Erika Cruz Jiménez

MOVE LA AMÉRICA

INTERCULTURALIDAD
Y ALIANZA ENTRE
PUEBLOS

Escrito por
una brasileña
y una mexicana



Egeslaine de Nez
Diana Erika Cruz Jiménez

MOVE LA AMÉRICA

INTERCULTURALIDAD
Y ALIANZA ENTRE
PUEBLOS

Escrito por
una brasileña
y una mexicana



2026
São Paulo

DATOS INTERNACIONALES DE CATALOGACIÓN EN LA PUBLICACIÓN (CIP)

N575m

Nez, Egeslaine de -

Move la América: interculturalidad y alianza entre pueblos
- Escrito por una brasileña y una mexicana / Egeslaine
de Nez, Diana Erika Cruz Jiménez. – São Paulo: Pimenta
Cultural, 2026.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-684-5

DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-684-5

1. Educação Superior ou Universidade. 2. Internacionalização.
3. Interculturalidade. 4. Mobilidade acadêmica. I. Nez, Egeslaine
de. II. Jiménez, Diana Erika Cruz. III. Título.

CDD: 378.1553

Índice para el catálogo sistemático:

I. Pós-graduação – Mobilidade acadêmica

Júlia Marra Torres • Bibliotecaria • CRB SP-011583/0

Copyright © Pimenta Cultural, algunos derechos reservados.

Copyright del texto © 2026 las autoras.

Copyright de la edición © 2026 Pimenta Cultural.

Esta obra está bajo una licencia Licença Creative Commons:
Atribuição-NoComercial-SinDerivadas 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).
Los términos de esta licencia están disponibles en:
<<https://creativecommons.org/licenses/>>.
Los derechos de esta edición han sido cedidos a Pimenta Cultural.
El contenido publicado no representa la posición oficial de Pimenta Cultural.

Dirección editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora ejecutiva	Patricia Biegging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Asistente editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata Júlia Marra Torres
Director de creación	Raul Inácio Busarello
Asistente de arte	Naiara Von Groll
Diagramación electrónica	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Prácticas en diagramación	Emanuelle Vitória Miranda da Silva Rayssa Santos Arrais
Imágenes de la cubierta	Guilherme Althaus Freepik, jannoon028 - Magnific.com
Tipografías	Acumin, Impact, Sofia Pro Condensed
Corrección de estilo	Thais Deamici de Souza
Autoras	Egeslaine de Nez Diana Erika Cruz Jiménez

CONSEJO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doctores y Doctoras

Adilson Cristiano Habowski <i>Universidade La Salle, Brasil</i>	Bernadette Beber <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Adriana Flávia Neu <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos <i>Universidade do Vale do Itajaí, Brasil</i>
Adriana Regina Vettorazzi Schmitt <i>Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>
Aguimario Pimentel Silva <i>Instituto Federal de Alagoas, Brasil</i>	Caio Cesar Portella Santos <i>Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil</i>
Alaim Passos Bispo <i>Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil</i>	Carla Wanessa do Amaral Caffagni <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Alaim Souza Neto <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Carlos Adriano Martins <i>Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil</i>
Alessandra Knoll <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Carlos Jordan Lapa Alves <i>Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil</i>
Alessandra Regina Müller Germani <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Caroline Chioquetta Lorenset <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Aline Corso <i>Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil</i>	Cassia Cordeiro Furtado <i>Universidade Federal do Maranhão, Brasil</i>
Aline Wendpap Nunes de Siqueira <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>	Cássio Michel dos Santos Camargo <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>
Ana Rosangela Colares Lavand <i>Universidade Estadual do Norte do Paraná, Brasil</i>	Cecilia Machado Henriques <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
André Gobbo <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>	Christiano Martino Otero Avila <i>Universidade Federal de Pelotas, Brasil</i>
André Tanus Cesário de Souza <i>Faculdade Anhanguera, Brasil</i>	Cláudia Samuel Kessler <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>
Andressa Antunes <i>Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil</i>	Cristiana Barcelos da Silva <i>Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil</i>
Andressa Wiebusch <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Cristiane Silva Fontes <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>
Andreza Regina Lopes da Silva <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Daniela Susana Segre Guertzenstein <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Angela Maria Farah <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>	Daniele Cristine Rodrigues <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Anísio Batista Pereira <i>Universidade do Estado do Amapá, Brasil</i>	Dayse Centurion da Silva <i>Universidade Anhanguera, Brasil</i>
Antonio Edson Alves da Silva <i>Universidade Estadual do Ceará, Brasil</i>	Dayse Sampaio Lopes Borges <i>Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil</i>
Antonio Henrique Coutelo de Moraes <i>Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil</i>	Deilson do Carmo Trindade <i>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Brasil</i>
Arthur Vianna Ferreira <i>Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil</i>	Diego Pizarro <i>Instituto Federal de Brasília, Brasil</i>
Ary Albuquerque Cavalcanti Junior <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>	Dorama de Miranda Carvalho <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil</i>
Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior <i>Universidade Federal da Bahia, Brasil</i>	Edilson de Araújo dos Santos <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Bárbara Amaral da Silva <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>	Edson da Silva <i>Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil</i>

Elena Maria Mallmann

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Estevão Schultz Campos

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil

Éverly Pegoraro

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrícia Lopes Pinheiro

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Fauston Negreiros

Universidade de Brasília, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Flávia Fernanda Santos Silva

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Gabriela Moysés Pereira

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Gabriella Eldereti Machado

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geuciane Felipe Guerim Fernandes

Universidade Federal do Pará, Brasil

Geymeesson Brito da Silva

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa

Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges

Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles

Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Joao Adalberto Campato Junior

Universidade Brasil, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa

Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre

Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura

Universidade São Francisco, Brasil

Jonathan Machado Domingues

Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini

Universidade de São Paulo, Brasil

Juliano Milton Kruger

Instituto Federal do Amazonas, Brasil

Juliano Pizzano Ayoub

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro

Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik

Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lauro Sérgio Machado Pereira

Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Brasil

Leonardo Freire Marino

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Letícia Cristina Alcântara Rodrigues

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Luiz Eduardo Neves dos Santos

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Maikel Pons Giralt

Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

Manoel Augusto Polastrelí Barbosa

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Márcia Alves da Silva

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Marcio Bernardino Sirino

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos

Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcus Fernando da Silva Praxedes

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva

Instituto Federal do Piauí, Brasil

Marines Rute de Oliveira

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Maurício José de Souza Neto

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai

Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neide Araujo Castilho Teno

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil

Neli Maria Mengalli

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging

Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Patrícia Helena dos Santos Carneiro

Universidade Federal de Rondônia, Brasil

Rainei Rodrigues Jadejiski

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Raul Inácio Busarello

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Ricardo Luiz de Bittencourt

Universidade do Extremo Sul Catarinense, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano

Universidade Federal de Ubertândia, Brasil

Robson Teles Gomes

Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos

Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho

Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama

Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tatiana da Costa Jansen

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Tayson Ribeiro Teles

Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto

Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Vanessa de Sales Marruche

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues

Universidade Estadual do Centro Oeste, Brasil

Vania Ribas Ulbricht

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Vinicius da Silva Freitas

Centro Universitário Vale do Cricaré, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Wenis Vargas de Carvalho
Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

DICTAMINADORES Y REVISORES POR PARES

Evaluadores y evaluadoras Ad-Hoc

Alcidinei Dias Alves
Logos University International, Estados Unidos

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Artur Pires de Camargos Júnior
Universidade do Vale do Sapucaí, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo B. Alves
Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Davi Fernandes Costa
Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, Brasil

Denilson Marques dos Santos
Universidade do Estado do Pará, Brasil

Domingos Aparecido dos Reis
Must University, Estados Unidos

Edson Vieira da Silva de Camargos
Logos University International, Estados Unidos

Edwins de Moura Ramires
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Elisienne Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabete de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Jonas Lacchini
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Nívea Consuêlo Carvalho dos Santos
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Rayner do Nascimento Souza
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Sidney Pereira Da Silva
Stockholm University, Suécia

Suêlen Rodrigues de Freitas Costa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Walmir Fernandes Pereira
Miami University of Science and Technology, Estados Unidos

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Dictamen y revisión por pares

Los textos que componen esta obra fueron sometidos a la evaluación del Consejo Editorial de Pimenta Cultural, así como a la revisión por pares, siendo recomendados para su publicación.

SUMÁRIO

Diana Erika Cruz Jiménez

Brasil.....12

Agradecimientos14

Presentación.....17

Florentino Pérez Pérez

Prefacio23

CAPÍTULO 1

Move La América:

una oportunidad para la interculturalidad
y la alianza entre pueblos..... 27

Los orígenes de la movilidad estudiantil 29

CAPÍTULO 2

El contexto Latinoamericano y del Caribe:

¿movilidad estudiantil? entre el deseo y las posibilidades.....34

De la convocatoria al destino 38

CAPÍTULO 3

Estudiantes en movimiento y redes en expansión:

internacionalizar la educación en Brasil42

Lo que dicen las respuestas 44



CAPÍTULO 4

**Tejiendo voces y acciones
en un contexto de movilidad académica71**

Historias de vida y redes en movimiento..... 73

Argentina:
Incertidumbre en el horizonte de la educación superior.....75

México:
Ser docente, investigadora y madre es un reto 81

Do Chile a Argentina:
Migrar para crecer..... 87

CAPÍTULO 5

Voces de la experiencia:
miradas que sueñan con futuros educativos prometedores94

Un análisis de las redes colaborativas
para mejorar los procesos
de movilidad estudiantil:
Un diálogo con Fabiana Marcello 96

Redes interculturales desde
la internacionalización de la educación:
Entrevista con Marilia Morosini..... 102

Concluyendo la caminata... 113

Encuentros que transforman al ser
humano en formación académica:
tejiendo alianzas - construyendo comunidad
en América Latina 114

Referencias..... 118



Apéndice 121

Modelo de Formulario de *Google Forms*
aplicado a los entrevistados 121

Retos y desafíos de Move La América..... 122

Correo..... 122

Juliana Fatima Serraglio Pasini

Posfácio 125

Sobre las autoras..... 127

Índice analítico..... 128



BRASIL

SUMÁRIO

Le devolviste novedad a mis huellas
Trascendiendo la rutina de mi mundo
Y de lo que creía conocer de mí.

Vine en un pájaro de acero
que nada supo de la tristeza que viajaba en la maleta
¿qué supiste de los paisajes
que guardé bajo mis párpados?
Si tú no tienes puerto fijo
Pero yo sé de Chiapas y de Brasil
dos faros y anclas
trozos de corteza
piedra roja
pedazo de tierra
río iracundo
que me llevo en el bolsillo
Para que mi saudade no sea tan grande
para no olvidar a ninguno
mientras soy ciudadana del mundo
mientras soy la extranjera en un país

Es el autoexilio mi esencia ínfima
Donde la acogida encuentra sentido
El del dulce sabor a lejana tierra
El del color de la tranquilidad intensa
El de un pasar sin gloria ni pena
El de ser distinta a la que fui...

Es el parque de la redención,
el olor de la pipoca
la tersura de los sorbetes

el ligero viento de otoño,
la lluvia salvaje que me baña
debajo de unas calles
tan extraviadas de dolor.

SUMARIO

Brasil, ojalá te vuelva a ver
si no es en esta, que sea en otra vida
Porque le haces falta a mis días
El del sentido que encontré en otras risas
que sabían cómo vivir.
Si México es mi patria tu has de ser mi patria
Porque, aunque extraviada y ajena a mí
sé que he de volver a ti.
Porque yo debí de ser río, uno como el
Grande del Sur de Brasil.

Diana Erika Cruz Jiménez



AGRADECIMIENTOS

Todo viaje, todo proyecto que se concreta, es la suma de esfuerzos de varios individuos que nos apoyan a crecer, que creen en nosotros y que contribuyen de una u otra forma a que nuestros sueños se cumplan. Por eso, nuestro agradecimiento a muchas personas, pero algunas merecen una mención especial...

Sin nuestras familias (mamás, papá, hermanos, tías y tíos, primas, hijos, nietos) unidas por el cariño, por el deseo de vernos crecer, y sin su apoyo, nuestros esfuerzos serían vanos. Sin su inspiración - el motor que nos ayuda a levantarnos y hacer las cosas - nada hubiera sido posible. Gracias por motivarnos y apoyarnos para ampliar nuestros horizontes.

A nuestros compañeros (Eduardo e Johan) por su comprensión y aliento diario en este arduo camino. A nuestros inmediatos laborales que nos recordaron que nadie es profeta en su propia tierra y que para ello debíamos salir de nuestro pequeño mundo para conocer otras culturas. A otros amigos que están a kilómetros de distancia física, pero siempre cerca de nuestros corazones.

A cada uno de los amigos brasileños que nos recibieron con una sonrisa, con los brazos y corazones abiertos.. ¡Muchas gracias!

A la Coordinación de Mejoramiento del Personal de Educación Superior (CAPES) y al gobierno brasileño. Estamos profundamente agradecidas por gestionar este programa y las becas a miles de estudiantes extranjeros que lograron vivir más allá de sus sueños gracias al Programa *Move La América*.

Finalmente, aunque no menos importante, agradecemos a todas las personas involucradas en el viaje y la pasantía, a los

SUMÁRIO

compañeros de intercambio que se solidarizaron con el proyecto y han sido clave para lograr este estudio y, especialmente, al Grupo de Estudio sobre Universidad (GEU/Int) INTERculturalidad, INTernacionalización e INTegración del conocimiento por su hospitalidad, apoyo financiero y cálida bienvenida. Todos contribuyeron a la excelencia de esta estancia en Brasil, ya sea en Rio Grande do Sul, Santa Catarina o Paraná, a donde encontramos amistades entrañables que provocan *saudade*.

Este libro que presentamos “es lo que podemos ofrecer en este momento” para concluir esta etapa, además de brindar perspectivas sobre la internacionalización de la educación superior.

Con cariño, dedicamos este libro a todos los que se esfuerzan diariamente para ver la luz del sol, a nuestras eternas amistades, a todos los que acompañan procesos, a quienes luchan diariamente por superarse, al amor que espera paciente para ver crecer a su mitad, ¡a todos quienes hacen posible que podamos leer el mundo! A todos, porque suman un granito de arena a estos seres escribientes.

SUMÁRIO



Con cariño, dedicamos este libro a todos los que se esfuerzan diariamente para ver la luz del sol, a nuestras eternas amistades, a todos los que acompañan procesos, a quienes luchan diariamente por superarse, al amor que espera paciente para ver crecer a su mitad, ¡a todos quienes hacen posible que podamos leer el mundo! A todos, porque suman un granito de arena a estos seres escribientes.

PRESENTACIÓN

SUMARIO

En las últimas décadas, la movilidad académica internacional ha adquirido una importancia creciente como parte integral del proceso de internacionalización de la educación superior, como lo señalan Gómez, Pérez y Levya (2019, p. 72): “Dentro de las áreas estratégicas para la internacionalización de la educación superior se encuentra la movilidad estudiantil encargada de promover el intercambio de experiencias interculturales y académicas”. La internacionalización de la educación superior, de acuerdo con Nez, Santos y Quintana (2024, p. 1), es un “eslabón vital entre naciones”, pues teje redes de construcción y socialización del conocimiento entre países para favorecer la excelencia académica, el ambiente cultural y contribuye a formar a estudiantes mejor preparados para los desafíos del futuro.

Diversas políticas y programas han sido implementados por gobiernos e instituciones para fomentar el intercambio académico y científico, reconociendo su potencial para enriquecer la formación de estudiantes de posgrado, la integración académica, la cooperación interinstitucional y promover la circulación del conocimiento en un contexto globalizado; sin embargo, algunos estudiantes, académicos e instituciones en América del Norte y América del Sur siguen preguntándose ¿para qué la internacionalización de la educación?, ¿cómo ese fenómeno tiene que ver conmigo?, o ¿cuál es su trascendencia si algunos países o estados están en un nuevo reconocimiento de su interior, de sus raíces y orígenes, para qué entonces pensar en el exterior, en lo que parece ser lejano y ajeno? Como afirma Marques (2006), no se busca lo que ya se tiene ni se descubre lo que ya se sabe; la investigación consiste en formular hipótesis que se ponen a prueba para intentar comprender la realidad.

SUMARIO

Pensar la internacionalización de la educación no implica soslayar lo regional ni lo local, tampoco renunciar al compromiso con la comunidad inmediata en la que hemos crecido. Por el contrario, supone reconocer otros contextos y comprender las dinámicas que los configuran, sin perder de vista nuestras propias realidades. La internacionalización de la educación es una dimensión que ofrece oportunidades en forma de programas y dinámicas¹ en diversas vías para encontrarnos con otras culturas y para ejercitar el respeto, la colaboración, la inclusión y la interculturalidad, no solo desde el plano conceptual, sino desde la experiencia vivida y la práctica cotidiana.

Es cierto que no es necesario salir del interior de nuestros países para ser interculturales: en nuestros propios estados y municipios somos testigos de una amplia diversidad cultural, étnica e ideológica. Basta con salir a la calle para advertir esos matices que llenan de sentido y color nuestros espacios y nuestra vida cotidiana. Sin embargo, los procesos de internacionalización y los programas que los impulsan amplían esas posibilidades al propiciar diálogos que trascienden fronteras y generan eco en otras latitudes. A través de ellos se construyen relaciones que nos permiten reconocer costumbres, saberes, inquietudes, problemáticas, ideas y relatos que, aunque ubicados en contextos distintos, resultan sorprendentemente similares a los nuestros.

Este reconocimiento difícilmente sería posible sin la disposición para encontrar otros contextos, otras voces y rostros, otros territorios, monumentos y luchas que coexisten con los nuestros. La internacionalización de la educación es una dimensión que a través de programas, abre un espacio significativo para la cooperación internacional al acoger a estudiantes extranjeros en el país. En ese intercambio se hace visible una búsqueda compartida: la transformación

¹ Como lo son las clases espejo, las charlas que ponentes de otros países llegan a impartir a nuestras instituciones, es decir, que nos abren una ventana a otra cultura y perspectiva sin salir de nuestra institución.

SUMARIO

continua de nuestras condiciones humanas, en una relación responsable y solidaria con el espacio común que habitamos, la Tierra.

Move La América es un programa del gobierno brasileño creado con el propósito de empoderar a las personas, sus ideas y a las comunidades a través del movimiento, educación y conexión entre culturas. Creemos que el movimiento físico, social y humano es una poderosa herramienta de transformación, capaz de generar un impacto positivo y duradero.

A través de experiencias formativas, acciones colaborativas e iniciativas innovadoras, *Move La América* promueve el desarrollo personal y colectivo, estimulando el liderazgo, el bienestar, la inclusión y el protagonismo. El programa logró conectar a personas de diferentes realidades, valorando la diversidad cultural y fomentando el intercambio de conocimientos y experiencias. De esta manera, no solo genera oportunidades académicas, sino que constituye un acto de reconocimiento del otro y de bienvenida, al tiempo que promueve, desde una dimensión política y cultural, la integración latinoamericana.

En este gesto se expresa una afirmación simbólica: nos reconocemos mutuamente como parte de una misma región y abrimos el camino a futuros proyectos compartidos y a un acercamiento entre pueblos. Para ello, resulta necesario desdibujar fronteras que, más que realidades culturales, son construcciones políticas e imaginarias, y reconocer que son nuestras cercanías históricas las que nos vinculan y nos permiten fortalecer la sensibilidad, la humanidad y la práctica de alianzas colectivas.

Esta apuesta representa un compromiso con la región latinoamericana, centrado en las nuevas generaciones de investigadores y científicos, a quienes se busca formar desde una lógica de trabajo comunitario y no desde la individualidad. En este sentido, el presente estudio se vuelve necesario, pues gran parte de la literatura existente se ha enfocado principalmente en datos cuantitativos –

SUMARIO

como la duración de las estancias académicas o el número de estudiantes participantes– dejando en un segundo plano la dimensión esencial de estas experiencias: las voces, percepciones y significados construidos por quienes las viven. Así, esta investigación propone una aproximación basada en la escucha atenta y en la valoración de los testimonios de los participantes que han experimentado una movilidad internacional a través de programas como *Move La América*. Y, aunque este enfoque ha permitido construir un panorama estadístico general sobre la movilidad estudiantil internacional, ha dejado de lado dimensiones fundamentales relacionadas con la vivencia personal, las expectativas, los desafíos subjetivos y las tensiones administrativas que enfrentan quienes participan en estas experiencias.

Particularmente, los programas que auspician becas de movilidad impulsados por el gobierno de Brasil han contribuido a democratizar el acceso a oportunidades de formación en el extranjero. Sin embargo, las evaluaciones de estos programas tienden a centrarse en datos numéricos, sin explorar en profundidad la experiencia vivida por los estudiantes beneficiarios. Esa ausencia de enfoque cualitativo limita nuestra comprensión sobre las experiencias reales de la movilidad académica en el plano personal, académico e institucional.

Cabe destacar que el Programa está alineado con la Agenda 2030 de la Organización de Naciones Unidas (ONU), contribuyendo directa y transversalmente al logro de los Objetivos de Desarrollo Sostenible (ODS) (UNESCO, 2015). Sus iniciativas reconocen el papel del movimiento humano, la educación y la cooperación como motores esenciales para la sostenibilidad, la inclusión y transformación positiva de América Latina a largo plazo. El Programa ha generado impactos significativos y duraderos en las universidades brasileñas, fortaleciendo su contribución a la formación académica, la internacionalización, la innovación social y la construcción de redes colaborativas.

SUMARIO

Este libro surge, por tanto, como una contribución crítica orientada a llenar ese vacío. A través de un enfoque centrado en la percepción subjetiva de los estudiantes que participaron en el programa, se propone brindar una aproximación cualitativa a los retos, obstáculos y aprendizajes que emergen durante los procesos de movilidad en el nivel de posgrado. Lejos de ofrecer una mirada idealizada de la internacionalización, el presente trabajo se interesa por explorar la complejidad de las experiencias vividas, considerando factores como el choque cultural, las barreras lingüísticas, las dificultades burocráticas, así como las transformaciones identitarias y académicas que estos procesos implican.

Al recuperar las voces de los propios estudiantes, este estudio pretende no solo ampliar el horizonte analítico sobre la movilidad estudiantil internacional, sino visibilizar los retos a los que se enfrentan los estudiantes al emprender una movilidad. A su vez, eso puede generar mecanismos y procesos burocráticos más sensibles, inclusivos y contextualizados que reconozcan la dimensión humana y subjetiva de estas experiencias educativas.

El camino a seguir para poder incorporar testimonios sobre la experiencia vivida fue el diálogo en red para acercarse al grupo seleccionado de estudiantes en movilidad académica. Con base en ello, se comparte el formulario previamente trabajado en conjunto, para presentarlo y aplicarlo a una muestra significativa de estudiantes en movilidad dentro de la Universidad de Río Grande del Sur, así como a otros que decidan responder el cuestionario.

Posteriormente, se realizaron entrevistas a estudiantes de tres nacionalidades distintas que demostraron interés y disposición en participar compartiendo parte de su trayectoria académica e historia de vida. Ese trabajo reflexiona sobre las oportunidades y barreras que enfrentan los jóvenes provenientes de sectores menos privilegiados para acceder a una formación verdaderamente internacional. Aunque el acceso a experiencias de movilidad continúa condicionado

por factores como el capital económico, cultural y social del estudiante, reproduciendo algunas brechas históricas de exclusión educativa, el programa se presenta como un programa inclusivo que buscó generar un diálogo intercultural real.

Al valorar el intercambio de experiencias entre diferentes contextos sociales y culturales, *Move La América* contribuye a una universidad más pluralista e inclusiva, sensible a las diversas realidades. El programa anima a estudiantes y profesores a desarrollar prácticas de convivencia, reconocimiento, respeto y diálogo intercultural. Este libro está organizado en cinco capítulos. El primero aborda los orígenes de la movilidad estudiantil; el segundo, el contexto latinoamericano; el tercero se centra en los estudiantes en movilidad dentro de la universidad; el cuarto apartado presenta entrevistas con participantes de la movilidad; y el último capítulo se enfoca en las experiencias destacadas.

La tarea no consiste tanto en ver lo que nadie ha visto, sino en pensar lo que nadie ha pensado aún sobre lo que todos ven (Schopenhauer, 1851). Más que un programa, *Move La América* es una invitación a la acción. Un llamado a salir de lo común, ampliar horizontes y construir, juntos, una Latinoamérica más activa, consciente, unida y conectada.

SUMARIO



PREFACIO

SUMÁRIO

Las culturas se fosilizan si están aisladas, pero nacen o renacen en el contacto con otros hombres y mujeres de otra cultura, otro credo, otra raza.

Carlos Fuentes

En 1989, con la caída del muro de Berlín, se comenzó a gestar la idea de un mundo unipolar, abierto y de libre circulación que daba paso a una nueva fase en la educación superior, llamada internacionalización, con ella, uno de los aspectos claves sería la movilidad académica, considerada uno de los pilares más significativos para que las universidades alcanzaran esta dimensión internacional.

Sus antecedentes se encuentran en la declaración conjunta de los ministros europeos que se reunieron en Bolonia, el 19 de junio de 1999, y da origen al Espacio Europeo de Enseñanza Superior, conocida también como la Declaración de Bolonia. Años después se crea el Programa Erasmus (1987), para promover la movilidad estudiantil dentro de la Unión Europea; en el año 2004 se amplió al resto del mundo y en 2014 evolucionó a Erasmus Plus.

La internacionalización de la educación superior posibilita nuevas prácticas institucionales, que trascienden la endogamia académica universitaria. A través de la movilidad estudiantil, los estudiantes pueden trasladarse a otras universidades fuera de su institución y país de origen a cursar asignaturas o para a realizar estancias.

Bajo esta perspectiva, se crea en Brasil el *Programa Move la América*, con el propósito de fortalecer la internacionalización de las IES brasileñas, otorgando becas a estudiantes de posgrado de instituciones de enseñanza e investigación en América Latina y el Caribe.

SUMARIO

El libro *Move la América: interculturalidad y alianza entre pueblos* de Egeslaine de Nez y Diana Erika Cruz Jiménez está estructurado en cinco capítulos y un apéndice. Para construir respuestas a la pregunta sobre cómo evaluar el impacto de la movilidad académica internacional, más allá de los datos cuantitativos. Este opúsculo es una exploración de las profundidades de las experiencias vividas por los estudiantes que realizan movilidad de posgrado en otros países y los obstáculos personales, administrativos y culturales a los que se enfrentan.

A través del análisis cualitativo de los resultados del Cuestionario Retos y Desafíos de la *Move la América* aplicado a los estudiantes de intercambio y de las entrevistas realizadas, las autoras realizan una interpretación ubicando palabras que les permiten articularlas y dar cuenta del encuentro de historias, culturas y saberes de los estudiantes en movilidad.

La narrativa contenida en este texto aborda los encuentros de saberes y el diálogo intercultural, mediante la recuperación de las experiencias de los actores educativos, para contar con elementos cualitativos que permitan conocer su impacto. Su universo de estudio es la Universidad Federal de Rio Grande del Sur (UFRGS), el hilo conductor de este estudio son las percepciones sobre la movilidad estudiantil y los mecanismos para generar procesos más empáticos e incluyentes.

Para concluir, es necesario recordar que vivimos en un hogar común que es el planeta Tierra. La internacionalización y movilidad estudiantil permite el contacto de culturas y saberes, de historias, sueños, anhelos y utopías, re/conocerse como seres finitos en el tránsito efímero por la vida y como seres en relación; posibilita tejer lazos de comunidad. Verme en el otro, para hacer un NosOtros.

¿Cuáles son las claves para la comprensión de otras culturas? Una de ellas es, sin duda, el contacto y el mutuo re/conocimiento.

Parafraseando al escritor mexicano Carlos Fuentes, las culturas que se encuentran se fecundan unas a otras para conocerse y dialogar y establecer una ecología de saberes que oriente la acción para pensar colectivamente y re/construir el planeta mundo que está derrumbándose en esta crisis civilizatoria que vivimos.

La internacionalización y movilidad estudiantil también permite el encuentro de lenguas diversas. Además de Pessoa, otros escritores que han contribuido al desarrollo cultural del portugués, una lengua romance, han sido José Saramago, António Lobo Antunes, Eça de Queirós y, por supuesto, el gran pedagogo Paulo Freire. Del encuentro entre estudiantes de diversas nacionalidades del sur de América, un punto clave fue el diálogo que se gestó entre estudiantes hablantes del español y de portugués, que se pudo llevar a cabo gracias al programa *Move la América*. En esa ocasión, como lo dicen las autoras, la lengua del entendimiento, de la que nos habla Michell Foucault, fue la que permitió trascender barreras lingüísticas.

Otro aporte importante de este estudio fue identificar los obstáculos que dificultan el acceso equitativo a la movilidad estudiante internacional; reconocer los parámetros estructurales de exclusión reproducidos en los programas de movilidad; explorar las estrategias que emplean los estudiantes para acceder, permanecer, y aprovechar estas experiencias y, por último, reflexionar sobre la promoción de la movilidad y si origina políticas inclusivas.

Estamos ante el resultado de una indagación que destaca la importancia de recuperar la subjetividad de los actores de la movilidad, a través de un trabajo etnográfico, que combina varias técnicas de recopilación de información; que busca trascender lo cuantitativo para explorar el terreno interpretativo; que resignifica los datos de este encuentro intercultural y de saberes con sus obstáculos para hilar y tejer esta narrativa; que expresa un tiempo y espacio de ver, vivir y estar en un mundo multicultural y multilingüístico.

SUMÁRIO



Algunas de las impresiones que me dejó la lectura de este libro, me remiten a un verso del poeta precolombino Ayocuan Cuetzpaltzin *apud* León-Portilla (2016. p. 205):

Esfuércese, quiera mi corazón,
las flores del escudo,
las flores del Dador de la vida.
¿Qué podrá hacer mi corazón?
En vano hemos llegado,
hemos brotado en la tierra.
¿Sólo así he de irme
como las flores que perecieron?
¿Nada quedará de mi nombre?

¿Nada de mi fama aquí en la tierra?
¡Al menos flores, al menos cantos!
¿Qué podrá hacer mi corazón?
En vano hemos llegado,
hemos brotado en la tierra.

Concluyo diciendo que el libro *Move La América* es una oportunidad para la interculturalidad y la alianza entre los pueblos, es un jardín que siembra flores y donde se escuchan cantos de estudiantes navegantes y exploradores de mundos, que muy seguramente son la generación que tendrá el compromiso de transformar las realidades del mundo.

Florentino Pérez Pérez

Beriozabal - Chiapas
otoño 2025

SUMARIO





1

MOVE LA AMÉRICA:
UNA OPORTUNIDAD PARA
LA INTERCULTURALIDAD
Y LA ALIANZA ENTRE PUEBLOS

SUMARIO

La movilidad estudiantil ha sido promovida como una herramienta de democratización del conocimiento y integración entre contextos educativos diversos. No obstante, esta democratización es aún limitada. A pesar de los esfuerzos institucionales por ofrecer becas y programas de intercambio, persisten barreras estructurales y administrativas que excluyen a estudiantes en condiciones de vulnerabilidad. Analizar este fenómeno desde las trayectorias académicas y de vida permite visibilizar las desigualdades encubiertas y aportar a la construcción de políticas públicas más inclusivas. Este enfoque resulta pertinente en un contexto donde los discursos meritocráticos tienden a invisibilizar las condiciones materiales que determinan las trayectorias académicas.

Analizar las condiciones de acceso y los desafíos que enfrentan estudiantes de sectores socioeconómicos desfavorecidos en procesos de movilidad académica internacional, mediante el análisis de percepciones desde las voces de estudiantes viviendo el fenómeno de la movilidad permite reconocer áreas de oportunidad para mejorar sobre los mecanismos y procesos para mejorar en futuras ediciones de los programas de movilidad. Además nos acerca a una aproximación más amable, empática y subjetiva desde la experiencia, reconociendo aspectos más de orden social y cultural que numéricos dentro de ese panorama de estudios sobre la movilidad académica.

Los objetivos del estudio fueron identificar los principales obstáculos económicos, burocráticos y culturales que dificultan el acceso equitativo a la movilidad estudiantil internacional; reconocer los patrones estructurales de exclusión reproducidos en los programas de movilidad; explorar las estrategias que emplean los estudiantes para acceder, permanecer y aprovechar estas experiencias; y reflexionar sobre el papel de las instituciones y políticas públicas en la promoción de una movilidad más inclusiva.

En cuanto al marco teórico de apoyo para la realización de este trabajo, se apoyó en los aportes de Bourdieu (1990) sobre

SUMARIO

la reproducción de las desigualdades sociales a través del sistema educativo, especialmente su noción de capital cultural y hábitos. Asimismo, se retomaron las reflexiones de Gacel-Ávila (2000) sobre la internacionalización de la educación superior y la movilidad como fenómeno histórico, inicialmente reservado a las élites. Se incorporó también el enfoque de Mayer y Catalano (2018), quienes abordan la movilidad desde una perspectiva crítica en América Latina, considerando el rol de las estructuras socioeconómicas en el acceso desigual.

LOS ORÍGENES DE LA MOVILIDAD ESTUDIANTIL

La movilidad estudiantil es parte esencial de la internacionalización de la educación superior para generar cooperación interinstitucional entre países y regiones (Palma, 2013); además, la movilidad estudiantil se podría definir como el ejercicio de intercambio de residencia temporal de un estudiante a otro país para complementar su formación. Esa acción permitiría evaluar su desempeño en la integración académica, laboral y cultural, al entrar en contacto con otras formas de “trabajo académico y expresión cultural diferentes y enriquecedoras, fomenta el intercambio de ideas y de conocimientos, para la realización de proyectos conjuntos” (Palma 2013, p. 3-4). Resultan en la formulación de soluciones para problemas comunes de los países y que los ciudadanos en movilidad puedan conocer otras formas de vida, de pensamiento y en general de cultura, con lo que se promueven actitudes más tolerantes y solidarias.

Catalano (2018) sostiene que, en el campo de las ciencias sociales existe un consenso sobre la visión con la que fueron concebidos los sistemas de educación superior, donde la élite compuesta por varones principalmente, eran quienes tenían acceso a la educación. Esta afirmación puede ser contextualizada históricamente

SUMARIO

si observamos que, desde distintas épocas y culturas, el acceso al conocimiento ha estado condicionado por factores socioeconómicos, políticos y de género. La educación formal estuvo profundamente ligada a los intereses de las clases dominantes, reservado a regentes que podían costear tutores privados para formar a sus descendientes en retórica, filosofía, artes y liderazgo, de esta manera consolidaban su estatus y legitimaban su papel dentro del orden social. Contrariamente, aquellos individuos ajenos a esta élite carecían de oportunidades reales para acceder a la educación formal, quedando excluidos de los espacios de producción y circulación del saber.

De acuerdo con Gacel-Ávila (2000), el fenómeno de la movilidad estudiantil tuvo desde sus inicios el carácter primigenio de la universidad, concebido bajo una orientación de un saber y ser universal, que involucraba el viajar por el mundo para conocerlo, tal como el académico peregrino Erasmo, figura que inspiró el programa de becas de integración académica *Erasmus*. Desde los comienzos de la universidad, la formación estaba vinculada a “la movilidad individual de una élite académica” (Gacel-Ávila, 2000, p. 4) que podía emprender esos viajes a las diversas latitudes de Europa para aprender otros idiomas, tener acceso a las bibliotecas de otros países y seguir cultivándose. Eran los que provenían de familias acomodadas quienes podían concentrar sus esfuerzos en estudiar y volverse seres universales a través de estas primeras movilizaciones con fines académicos.

Mapeando los orígenes de las movilizaciones estudiantiles y quiénes tenían la oportunidad de llevar a cabo estos desplazamientos, Schulz (2018, p. 18) señala que “Los profesores más prestigiosos acudían a estos centros donde se utilizaba un idioma común, el latín, programas de estudios y sistemas de exámenes uniformes, que permitían a los estudiantes itinerantes comenzar sus estudios en un *studium*”, para que una vez concluida esa etapa accedieran a otra y continuaran con su formación. Los inicios de la movilidad académica han estado ligados a factores relacionados con el poder,

la posición social y económica de ciertos grupos humanos que tienen no solo la oportunidad de estudiar, sino la de continuarse preparando en otros posgrados.

Esta clara posición de privilegio que tenían los intelectuales de épocas pasadas dejaba ver quiénes eran los que podían cultivarse en los campos de las ciencias, las artes y de las lenguas. Eran ellos quienes llevaban a cabo la generación de conocimiento en tratados que hasta el día de hoy son base de nuestra cultura, de los clásicos griegos hasta Erasmo de Róterdam y Alexander Von Humboldt.

No obstante, gracias a la imprenta, así como a las misiones llevadas a cabo por frailes y otros intelectuales formados en las diversas disciplinas y en el cristianismo, así como a la fuerza que tomaron ciertos movimientos humanos, luchas políticas y defensa de los derechos ciudadanos, la producción cultural comenzó a alcanzar a otras esferas sociales que antes no habían tenido acceso a la lectura ni a la educación. Poco a poco la formación básica fue estableciéndose como un derecho al que debían acceder aquellos que quisieran estudiar, tener los conocimientos básicos sobre todas las disciplinas. Concluido este nivel o *stadium* continuar con su formación dependería de factores como: tiempo para hacerlo, recurso para poder dedicarle esfuerzos a su preparación y acceder al material didáctico requerido durante el tiempo que durara la siguiente fase de su adiestramiento.

La movilidad académica seguía siendo un tema y realidad para los hijos e hijas de aquellas familias acaudaladas, más es 1990, una fecha clave dentro del contexto de la internacionalización de la educación debido a que se fundamenta la necesidad de crear redes de intercambio y exportar modelos educativos occidentales a países en vías de desarrollo (Gacel-Ávila 2000). También es cuando comienzan a crecer los programas de posgrados en Europa y América "que propiciaron el intercambio académico, en busca

SUMARIO



de una formación diferente a la existente en sus lugares de origen" (Buti *apud* Schulz, 2018, p. 19).

La primera generación de movilidad estudiantil a gran escala comenzó con la migración a Estados Unidos durante la guerra fría. En 1998, la migración estudiantil se dirigía principalmente a Australia, Europa y Norteamérica [...] Veinte años después, estos flujos continúan, pero se complementan cada vez más con nuevos destinos y flujos regionales (Mills, 2022, p. 9).

A pesar de estos esfuerzos de cooperación, existía un reto mayor de aquellos países periféricos. Si bien contaban con programas de posgrado, sus estudiantes no siempre tenían la posibilidad de acceder a una formación más universal, que implicara el conocimiento de otros contextos, formas de vida, dinámicas culturales y distintas perspectivas sobre la educación. Esta limitación se debía, en gran medida a la falta de recursos económicos. En este sentido, "se otorgaron apoyos económicos en forma de becas para la preparación de recursos humanos de los países menos desarrollados" (Gacel-Ávila, 2000, p. 128) con el objetivo de generar condiciones que permitieran a estudiantes con menos oportunidades acceder a experiencias que anteriormente les habían sido negadas. De este modo la movilidad dejó de ser exclusiva de un sector privilegiado de la población y comenzó a ampliarse hacia otros sectores de la comunidad estudiantil.

Actualmente, existen becas que promueven la movilidad y el intercambio académico, muchas de las cuales son ofrecidas por universidades públicas en diversos países. Esas iniciativas han ampliado significativamente un horizonte académico para estudiantes con menos recursos financieros, al brindar las posibilidades de acceder a experiencias internacionales, que, de otro modo, les serían inaccesibles.

Sin embargo, a pesar de ello, persisten algunas condiciones administrativas y estructurales que generan exclusión e impiden

SUMARIO



SUMARIO

el acceso equitativo a estas oportunidades de movilidad e intercambio académico; entre ellos se encuentran: los altos promedios académicos, el dominio de una segunda lengua, o la capacidad para solventar gastos iniciales antes del reembolso de la beca. Estos aspectos funcionan como filtros que favorecen solo aciertos sectores estudiantiles. En este sentido, las convocatorias dentro de los marcos de internacionalización de la educación tienden a favorecer a aquellos que cuentan con capital cultural, económico, lingüístico, formativo que les permite competir por esos beneficios.

En este contexto, resulta importante reflexionar sobre ¿quiénes son los estudiantes que realmente pueden acceder a una experiencia de movilidad o intercambio académico en un mundo globalizado donde las IES promueven activamente con programas la internacionalización de la educación? ¿Quiénes son, por el contrario, aquellos estudiantes con menos posibilidades de participar en estas dinámicas? Esas preguntas nos permiten reconocer el estado actual de las oportunidades educativas y las acciones federales sobre políticas públicas que promueven los gobiernos para gestionar programas de movilidad.



2

EL CONTEXTO LATINOAMERICANO Y DEL CARIBE:

**¿MOVILIDAD ESTUDIANTIL?
ENTRE EL DESEO Y
LAS POSIBILIDADES**

SUMARIO

El estudio de Movilidad estudiantil en Educación Superior en México (2016 a 2019), señalaba que el mapeo sobre los índices de movilidad en este contexto destacaba situaciones desiguales a quienes pueden acceder a este tipo de intercambios y movilidades académicas. Algunos estudios sobre movilidad reconocen que los patrones de migración son fuertemente desiguales y que están vinculados tanto con una situación socioeconómica favorable, como con la búsqueda de un distintivo educativo, lo que se aprecia en la movilidad de sectores privilegiados de una población y su integración a instituciones consideradas de élite (Bustos-Aguirre *et al.*, 2022).

Esa situación no es exclusiva de México, pues Mayer y Catalano (2018) llevaron a cabo el mismo análisis en Argentina, señalando que no todos los estudiantes cuentan con las posibilidades económicas y el tiempo para realizar una movilidad -debido a que muchos tienen que trabajar para subsistir- y que hay otros aspectos, como los trámites previos al proceso de desplazamiento académico.. Ambas realidades coinciden en que siguen siendo los hijos de diplomáticos o profesionales con un trabajo bien remunerado, los que cuentan con más ventajas:

Las movilidades académicas pertenecientes a la esfera de la educación parecerían replicar las diferencias entre las regiones desarrolladas versus las regiones en desarrollo. Pero no solo entre países y regiones, sino también - y principalmente - entre los estudiantes: poder acceder a las experiencias derivadas de los fenómenos aquí estudiados, supone el despliegue de una serie de recursos - principalmente económicos, aunque no exclusivamente - que no están disponibles por igual en todos los sectores sociales. En este sentido, la todavía baja proporción de estudiantes internacionales, si bien puede entenderse por lo novedoso de estos procesos en nuestro continente, también puede explicarse por las desigualdades que lo atraviesan y que dejan en evidencia estas modalidades. Además, existen factores como las distancias geográficas y las dificultades de conectividad que muestran una contracara frente al proceso homólogo en Europa (Mayer y Catalano, 2018, p. 10).

SUMARIO

De aquí que la distancia entre la aspiración y la realización muchas veces sea diametral, pues entre lo que se quiere ser y las posibilidades reales con las que se cuenta, hace que ese sueño y camino anhelado se perciba lejano o imposible. En cuanto a Colombia, los estudios apuntan a que aquellos que logran estudiar un posgrado son pocos en comparación con otros países, esto debido, al igual que en México, a los costos que tienen los posgrados y a la determinación que implica estudiar y trabajar al mismo tiempo para poder solventar los gastos de comida, pasajes y servicios básicos de vivienda, así como la matrícula en la universidad.

Respecto a los graduados en el nivel de doctorado la diferencia es abismal si nos relacionamos con países como Estados Unidos que en el año 2005 título de doctor a 52.855; Brasil a 8.887; México a 1783 y en Colombia en ese año se graduaron 63. Hay que decir que en el año 2007 se aumentó el número de graduados a 102 91 cuando Brasil en el 2008 graduó a 11.000 doctores 92. En Colombia hasta el 2008 se habían graduado en total 584 doctores 93. De estos, 88 se graduaron antes del 2000, los otros 496 se graduaron entre el año 2000 y el 2007 94. El currículo del doctorado, en Colombia, se sustenta en un promedio de cinco años de formación y dos o tres años para la Maestría. Si bien existe la tendencia, a partir del 2007, que la Maestría sea la base de la formación del doctorado y de esta manera el doctorado pase a un promedio de tres años en la realización de la tesis (Arango, 2009, p. 169).

A este panorama educativo se suma otra variable: la movilidad estudiantil, que implica altos costos debido a los trámites que involucra contar con los documentos necesarios para ingresar a otro país, por ejemplo: la visa, el pasaporte y demás requeridos para ingresar a otra nación. Si bien hay becas y programas que brindan las posibilidades a estudiantes de clase media o baja, es innegable que previo a esa beca hay factores que tomar en cuenta. Por ejemplo:

- gastos de pasajes para tramitar documentos (en caso de vivir en una provincia y no en el centro del país);

SUMARIO

- gastos de seguro médico;
- permisos laborales o renunciar a un empleo (en caso de que el estudiante trabaje).

En este contexto, resulta necesario pensar en las historias de vida porque nos permiten ubicarnos en la cotidianidad, y no solo en la élite o en una mirada superficial. Es importante conocer cuáles son los hitos en la vida de cada uno de los estudiantes que realizan actualmente movilidad estudiantil para entender sus contextos, situaciones que han vivido y contrastarlas, comprender por qué algunos están más del lado de la desventaja que de la ventaja. Conocer el camino que cada uno siguió y reconocer los diferentes ritmos en los que la vida y sus condiciones permiten aprender en diversos contextos.

Las historias de vida posibilitan reconocer explicaciones estructurales sobre quienes logran o no ciertas mejoras en sus condiciones, teniendo en cuenta las variables y puntos subyacentes que han generado cambios. Bourdieu (1990) subrayaba que ciertas estructuras sociales contribuyen a la reproducción de desigualdades. Algunos individuos provenientes de contextos sociales menos favorecidos son los que menos acceso tienen a recursos y oportunidades, a diferencia de quienes proceden de campos más privilegiados.

Es por ello que acercarnos a las historias de vida permite tomar en cuenta la voz y la percepción del sujeto histórico que se construye y atraviesa procesos para situarse en el presente; donde las entrevistas son reconocidas como fuentes básicas que posibilitan conocer a la persona y la forma en la que ha leído su realidad a través del tiempo. Aunado a lo anterior, este método contribuye a identificar hitos similares en las historias de vida, condiciones o contextos semejantes que, de alguna u otra forma, han favorecido o puesto en desventaja a ciertos sujetos, por lo que entender su sociedad y ciertos patrones resulta factible a partir de estas percepciones.

SUMÁRIO

Asimismo, nos lleva a explorar sobre las vivencias empíricas de algunos estudiantes que participaron en el programa *Move La América*, becas promovidas por el gobierno de Brasil, cuya convocatoria se lanzó en 2024. Esas historias de vidas nos permiten comprender los desafíos y retos administrativos, personales, laborales, emocionales y culturales a los que se enfrentan quienes realizaron movilidad estudiantil. Ese enfoque contribuye a una comprensión más integral del fenómeno de la movilidad estudiantil con el fin de que se generen estrategias más justas e inclusivas en el ámbito de la educación superior.

Más que valorar los datos cuantitativos de la movilidad estudiantil que señalaban Aupetit (2014) y Moreno (2013), se requieren esfuerzos por visibilizar las percepciones cualitativas y empíricas de quienes viven una movilidad y de quienes se involucran en los procesos burocráticos para asesorar y recibir a los estudiantes durante las gestiones. Es sobre todo poner en relieve la importancia de las personas implicadas y no tanto de las IES.

DE LA CONVOCATORIA AL DESTINO

El gobierno de Brasil hizo una apuesta por la educación superior de su país y de otros países, e impulsó para ello la dimensión internacional de los posgrados con el programa *Move La América*, pero con una dinámica distinta, en la que sus estudiantes se quedarían en su país para recibir a alumnos de otras nacionalidades, pero del mismo continente. La inversión económica fue para los estudiantes extranjeros, pero los estudiantes brasileños obtendrían como beneficio la posibilidad de intercambiar visión, ideas y conocer de la cultura de otros países con la llegada de pares externos.

En 2024 se dio a conocer la convocatoria en el mes de marzo. Posteriormente, las Instituciones de Educación Superior (IES)

SUMARIO

brasileñas se inscribieron al programa y ofertaron un número determinado de vacantes anunciados por CAPES. De esa manera, los estudiantes de posgrado tuvieron la posibilidad de seleccionar su universidad de destino. La inscripción cerraría en agosto, y ese tiempo era oportuno para que cada estudiante hiciera los trámites burocráticos correspondientes a la primera etapa y desarrollara un proyecto académico para presentar y desarrollar en Brasil y, así, tener la posibilidad de ser seleccionado en esta convocatoria.

De agosto a septiembre, las IES brasileñas seleccionaron a los candidatos con ayuda de los profesores orientadores, docentes de cada una de las IES que acompañarían como tutores a los estudiantes extranjeros. Ellos serían los responsables de acompañarlos en su estancia y actividades académicas. Todavía, en septiembre, el cronograma de CAPES señalaba una segunda ronda de selección de candidatos por parte de las IES brasileñas. Al final de septiembre, una tercera ronda de selección de candidatos que antes no habían sido seleccionados se llevó a cabo. Finalmente, en octubre, las prorectorías realizaron la homologación que consistía en observar si todos los datos, documentos y proceso del interesado estaban correctos; tras la homologación de los resultados, se llevó a cabo el análisis técnico hasta noviembre para obtener los preliminares.

Después de este proceso y hasta diez días posteriores a la publicación de los resultados preliminares, CAPES brindó un recurso para que los estudiantes no seleccionados apelaran a las inconsistencias que pudieran negarle la beca. En caso de atenderlas, tendrían la posibilidad de ser sometidos a dictamen y volver a participar en la IES que había seleccionado desde el principio. Fue hasta noviembre de 2024 que se dieron a conocer los resultados finales que demostraron que, a pesar de la relevancia e impacto que tuvo la convocatoria, sobraron becas, pues de las 1600 ofertadas, la demanda fue de tan solo 1463.

SUMÁRIO

Después de los resultados, los estudiantes seleccionados enviaron, a través de línea directa², una serie de documentos entre los cuales figuraba el Cadastro de Pessoa Física (CPF), un número de identificación brasileño, solicitado en la embajada de Brasil en su país de origen. Otro de los documentos solicitados fue el pasaporte y el seguro médico, que el estudiante tenía hasta unos días después de la llegada a Brasil para contratar. En los meses previos al viaje, los profesores orientadores debían comprar los billetes de ida y vuelta de sus estudiantes extranjeros.

En esta movilidad, los estudiantes podían llegar a partir del tercer mes del año 2025, a las diferentes universidades de Brasil inscriptas; los estudiantes eran quienes decidían si su estancia duraría dos o seis meses. En todos los casos, el estudiante se comprometía a llegar los primeros días del mes a partir de marzo y notificar a CAPES, la institución encargada de la promoción, administración y gestión en general del programa. Los estudiantes trajeron una carta firmada por su profesor orientador, y podía enviar a través de línea directa la misiva que daba a conocer el inicio de sus actividades académicas en el país extranjero. A partir de ello, la institución manejaba los mecanismos para hacer llegar la beca o el recurso financiero a los estudiantes, ya fuera a través de una tarjeta o de una orden de pago.

Los estudiantes extranjeros y las IES que habían apoyado la movilidad de sus matriculados se involucrarían no solo en el proceso de los permisos y constancias para validar la vigencia del estudiante en un posgrado, sino que también se asumirían como colaboradores en ese proceso, pues se buscaba generar un acercamiento institucional. Otro de los beneficios del programa sería la oportunidad de tejer redes de investigaciones internacionales, involucrando a los estudiantes y los profesores en la producción científica colaborativa. En tanto, Brasil destinó recursos para apoyar con los gastos de su

2

Canal de comunicación entre servidores de CAPES y estudiantes, profesores orientadores o administrativos involucrados en el programa.

estadía a los miles de estudiantes que participaron y fueron seleccionados en el programa.

La selección fue un proceso que duró aproximadamente nueve meses, desde la publicación de la convocatoria hasta la divulgación de los resultados. Desde el mes de marzo comenzaron a llegar estudiantes extranjeros a las IES brasileñas; para aquellos que llegaron en este mes y optaron por una estancia de seis meses, se quedarán en Brasil hasta octubre.

Al ser la primera emisión de *Move La América*, los aciertos, desaciertos y aspectos técnicos a mejorar podrán evaluarse en su totalidad cuando se concluyan todas las estancias de los estudiantes. Es importante destacar que, para llevar a cabo este programa de movilidad, varias instituciones y actores se involucraron en los procesos, desde el gobierno, hasta la CAPES. Las IES brasileñas, desde la pro-rectoría, hasta los coordinadores de programa de posgrados, los involucrados en el área de internacionalización de cada IES, y los profesores orientadores, quienes acompañaron a los estudiantes en los procesos, se involucraron en dar a conocer las opciones de viviendas o departamentos para alojamiento, los asesoraron con algunos procedimientos y se certificaron si las actividades académicas se habían realizado a tiempo.

El gobierno de Brasil apoyó a esta iniciativa convencido de que se fortalecían las vinculaciones entre docentes y estudiantes brasileños con los jóvenes investigadores que, a pesar de tener distintas nacionalidades, comparten un mismo continente. La apuesta a mediano y largo plazo fue generar redes intelectuales y de comunicación, y bajo este precepto y contexto en el que diversas IES brasileñas, instituciones y actores involucrados en el proceso, se llevó a cabo la movilidad de estudiantes originarios de Argentina, Chile, Colombia, México, Uruguay y de otros países hispanohablantes a partir del primer semestre de 2025.

SUMÁRIO





3

ESTUDIANTES EN MOVIMIENTO Y REDES EN EXPANSIÓN:

INTERNACIONALIZAR
LA EDUCACIÓN EN BRASIL

SUMARIO

*"No hay elementos sin conexiones de relación o relaciones sin elementos."
Luhmann (1995, p. 20).*

Las investigaciones sobre internacionalización de la educación y movilidad estudiantil suelen mostrar datos relevantes que permiten identificar qué países los estudiantes optan por ir para continuar sus estudios, o bien cursar algunas asignaturas que les permitan obtener créditos académicos. Otros de los aspectos reveladores son los datos específicos sobre el número de estudiantes y su género; son números que contribuyen a constatar si el fenómeno aumenta o no y cuáles son los factores que inciden en ellos.

Temas igualmente importantes como la percepción de los estudiantes sobre las becas, sus experiencias, las asignaturas en las que se desarrollan, las circunstancias y los desafíos a los que se enfrentan suelen ser soslayados. Ese es un punto clave por lo cual muchos programas de movilidad, aunque se divulguen, tienen poco impacto, o no logran mejorar sus dinámicas de gestión para contar con procesos y requisitos más acordes con los contextos educativos y sociales de cada país.

Este capítulo analiza los datos obtenidos en una investigación realizada con 37 estudiantes que participaron en movilidad estudiantil en Brasil a través del programa *Move La América*. Los datos fueron recorridos mediante los formularios de *Google Forms*³, lo que permitió obtener informaciones tanto cuantitativa cuanto cualitativas. De los 59 estudiantes que decidieron optar por realizar la movilidad en la UFRGS, solo 37 respondieron al instrumento, esto debido a las actividades y tiempos de los que cada uno disponía de acuerdo con los propósitos académicos que debían cumplir. El resto de las preguntas fueron obtenidas de otros becarios que se encontraban en otras IES del país.

SUMARIO

El instrumento de Google Forms, diseñado para obtener respuestas sobre la percepción de los estudiantes en movilidad, contaba con veinte reactivos para conocer la travesía burocrática y personal que realizaron los estudiantes para llevar a cabo la estancia de investigación en Brasil. Esto permitió ahondar sobre las redes relacionales que se van tejiendo entre individuos para alcanzar experiencias como esta. Las conexiones y los vínculos que se establecen entre académicos permiten reflexionar sobre los espacios relacionales en los que se generan oportunidades para nuevos investigadores, quienes, al vincularse con intelectuales consolidados, comienzan a construir sus propias redes de contacto. Estas redes pueden ampliarse en la medida en el que el estudiante en movilidad proyecta su desarrollo y define su horizonte dentro del ámbito de la investigación. Las redes de poder que se enlazan son tejidos sociales que a un individuo hace que se le abran o no ciertas oportunidades, contribuyen a conocer el recorrido, la trayectoria del individuo, el tránsito de influencias y la toma de decisiones en ciertos hitos del camino de la docencia e investigación a nivel superior.

LO QUE DICEN LAS RESPUESTAS

Las primeras preguntas del instrumento estuvieron orientadas a conocer los rangos de edad y el género de los participantes del programa *Move La América*. Estos resultados fueron fundamentales para obtener un panorama general sobre el momento de la vida en la que los participantes decidieron cursar sus estudios de posgrado y, particularmente, para identificar la participación de mujeres en programas de movilidad académica internacional.

Al respecto, los resultados mostraron que la mayoría de los estudiantes que realizaron movilidad académica tienen entre 27 y 39 años. Fuera de este intervalo, la cantidad de participantes disminuye,

lo que sugiere que es entre esas edades cuando se opta seguir con el estudio de posgrado. La moda se situó en los 31 años. El promedio obtenido fue de 36 años, y la mediana de 35 años.

Cuadro 1 – Datos sobre los entrevistados

N°./Id.	Edad	Nacionalidad	Situación académica/Curso
1	39	Mexicana	Licenciada en artes plásticas
2	52	Argentina	Maestría en lengua inglesa
3	31	Argentina	Maestría en gestión empresaria
4	35	Chileno	Doctorando
5	24	Chilena	Magister en ingeniería mecánica
6	46	Chilena residente en Argentina	Licenciada en comunicación social y periodismo
7	44	Argentino	Licenciada en ciencia política y administración pública
8	31	Colombiana	Química
9	31	Argentina	Licenciada en tecnología ambiental
10	38	Colombiano	Maestría en ciencias agrarias
11	49	Uruguay	Licenciatura en educación física
12	45	Venezolana	Licenciada en comunicación social
13	34	Argentina	Biología
14	27	Argentina	Educación
15	32	Mexicana	Ciencias políticas y administración pública
16	29	Argentino	Microbiólogo
17	31	Argentina	Filosofía
18	30	Argentina	Biología
19	27	Argentina	Veterinaria
20	31	Argentina	Licenciada ciencias de la educación

SUMÁRIO

21	29	Argentina	Licenciada en trabajo social
22	38	Argentino	Licenciatura en ciencias políticas
23	33	Argentina	Profesor
24	38	Argentina	Licenciatura en antropología social
25	34	Argentina	Licenciatura en enfermería
26	39	Argentina	Licenciatura en relaciones internacionales
27	40	Argentina	Doctorado
28	37	Cubana	Licenciado en ciencias de la información
29	41	Argentina	Doctorado en ciencias sociales
30	51	Argentina	Antropología social
31	39	Chilena	Licenciatura en biología
32	28	Colombiano	Licenciado en matemáticas y física
33	44	Mexicano	Doctorado
34	30	Mexicano	Historia política de América Latina
35	25	Mexicana	Ingeniería química
36	37	Argentina	Antropología
37	48	Mexicana	Psicología

Fuente: elaborado por las autoras (2025).

El rango máximo de edad reportado fue de 52 años; lo cual revela una tendencia emergente de personas con trayectorias laborales extensas que primero se consolidan en el puesto laboral que desempeñan para después retomar su formación académica, optando por estudiar posgrados y aprovechar los programas de movilidad académica. Este resultado puede estar vinculado a la *lifelong learning*⁴, concepto que alude al aprendizaje continuo a lo largo de la

4 Adquisición continua de conocimientos a lo largo de la vida.

vida, sin un límite de edad, lo que permite acceder a estudios universitarios y de posgrado en distintas etapas de la vida.

Históricamente ha prevalecido la percepción de que es necesario adquirir experiencia laboral antes de estudiar un posgrado, para contar con mayor práctica en el campo y obtener estabilidad económica. Esto respondía a una lógica de ejercer la profesión de manera inmediata a la obtención del grado de estudios. Sin embargo, esa idea se ha venido modificando debido a las actuales condiciones del mercado laboral, donde se ha precarizado el empleo y por el creciente aumento de las demandas de mayores credenciales académicas para calificación profesional o acceder a una mejor remuneración, especialmente en el ámbito educativo. Razón que ha motivado a que las nuevas generaciones opten por de inmediato cursar el posgrado una vez que han concluido la carrera profesional. En muchos casos, los egresados buscan becas para estudiar posgrados, lo que les proporciona un apoyo económico durante su formación y les permite insertarse profesionalmente en su campo al finalizar sus estudios.

Por ello no resulta sorprendente encontrar edades mínimas de 24 años entre estudiantes que cursan el doctorado, lo que indica que cada vez más jóvenes optan por continuar directamente hacia el posgrado tras finalizar su licenciatura. Esta decisión favorece la continuidad del proceso de formación académica, ya que los conocimientos adquiridos en el nivel de grado suelen ser recientes y pueden profundizarse en el marco de programas de posgrado, los cuales exigen mayor rigurosidad en el ámbito de la investigación. Asimismo, esta transición inmediata puede entenderse como una estrategia para ampliar las oportunidades futuras y aspirar a una mejor posición económica, aunque también implica crecientes exigencias por equilibrar la experiencia laboral con los estudios de posgrado.

En cuanto a la distribución por género, los datos arrojaron una mayor participación de mujeres (consulte el gráfico 1). Ese hallazgo resulta significativo, ya que muchas de ellas dijeron ser madres o hijas

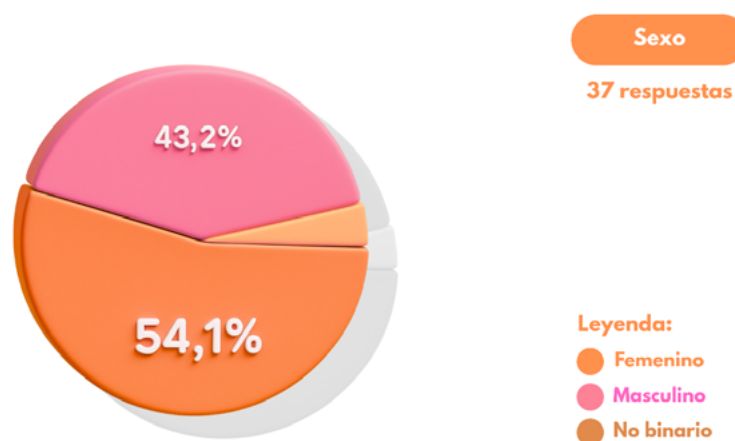
SUMARIO



SUMARIO

con responsabilidades familiares, lo cual ha sido históricamente un obstáculo para la realización de estudios de posgrado. Sin embargo, varias de ellas afirmaron haber contado con ayuda para llevar a cabo su movilidad, esto demuestra que crecen cada vez más las redes de apoyo y fortalecimiento hacia el crecimiento académico de las mujeres para el acceso equitativo a las oportunidades académicas y laborales.

Gráfico 1 – Sobre el género de los participantes



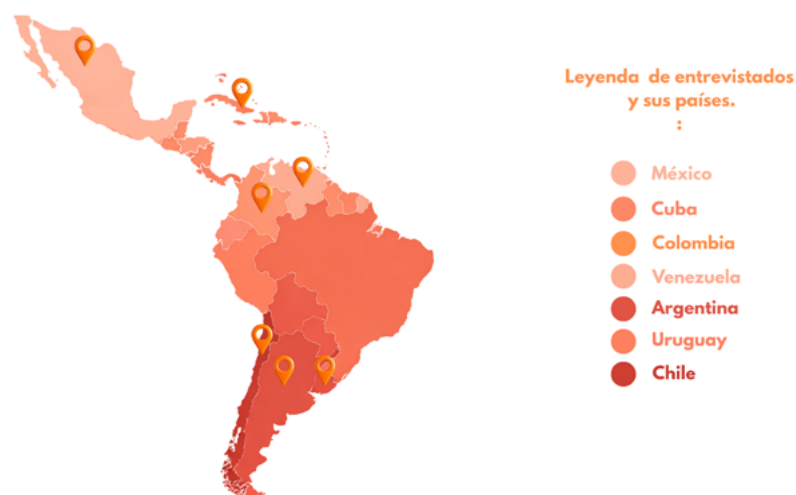
Fuente: elaborado por las autoras (2025).

Las mujeres representan ligeramente más de la mitad del grupo (54.1%). Esta alta participación femenina en la educación de posgrado demuestra cambios socioculturales que han reducido barreras para el acceso de mujeres a estudios avanzados. Los hombres están muy cercanos en número (43.2%), es decir, todavía hay una representación equilibrada entre hombres y mujeres en el posgrado. Aunque solo hubo una persona no binaria (2.7%), su inclusión es significativa, pues indica que las diversas identidades de género empiezan a hacerse presente en el ámbito académico.

Otra pregunta fue con respecto al país de origen de los estudiantes de movilidad. De los 39 formularios respondidos (consulte el

figura 1), 24 eran argentinos, 6 mexicanos, 3 chilenos, 3 colombianos, 1 uruguayo, 1 cubano y 1 venezolana. Argentina y Brasil son países vecinos y naturalmente, por su cercanía geográfica, los estudiantes argentinos se vieron motivados a participar del Programa.

Figura 1 – Sobre el país de origen



Fuente: elaborado por las autoras (2025).

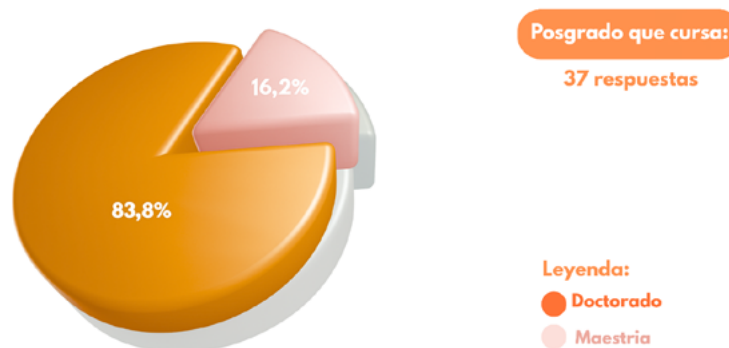
En ese sentido, otro factor político influyó en la decisión de realizar esa pasantía, pues muchos de los estudiantes señalaron inseguridad respecto al futuro de la ciencia y la educación en su país debido a las políticas del actual gobierno de Javier Milei, quien ha reducido presupuesto en esos sectores. En tanto, México, a pesar de la distancia geográfica con Brasil, tenía sus representantes entre los estudiantes.

Los alumnos colombianos también participaron de forma significativa del programa. Aunque muchos no respondieron el formulario, la población estudiantil de este país representó un porcentaje importante. Se deduce que los motivos estén relacionados con la proximidad geográfica con Brasil y la exigencia de que los

estudiantes de posgrado participen en programas de movilidad académica en el extranjero⁵.

La siguiente pregunta buscó identificar qué estudios de posgrado cursaban los participantes, ya fuera a nivel de maestría o doctorado. Las respuestas demostraron que en su mayoría eran de doctorado (consulte el gráfico 2):

Gráfico 2 – Sobre el posgrado que cursan los participantes



Fuente: elaborado por las autoras (2025).

Más del 80% de esta muestra significativa de estudiantes cursaba el doctorado, lo que sugiere que, en su contexto académico o profesional, este nivel de posgrado constituye una meta común, ya que representa una ventaja competitiva y permite acceder a mejores posiciones en el mercado laboral. Sin embargo, también los resultados pueden interpretarse como una prioridad para los estudiantes ampliar sus estudios mediante becas que les permitan permanecer en el sector académico vinculado a la investigación.

Tan solo el 16.2% cursaba la maestría, que representa, en algunos contextos, el primer ingreso al posgrado. La movilidad les permitió una posibilidad de desarrollo más amplio para seguir con

En este apartado, con el propósito de analizar las investigaciones que desarrollaban los, se formuló una pregunta orientada a identificar las palabras clave de los proyectos que cada participante había presentado como propuesta de candidatura (consulte la figura 2). Dicho proyecto incluía la descripción del tema de investigación, así como las actividades de investigación, extensión, vinculación y docencia que el estudiante se comprometía a realizar. A partir de este reactivo se obtuvo la siguiente lista de palabras:

[illegible]

Conocer las palabras clave de las investigaciones de los estudiantes permitió identificar las áreas de interés de los becarios, así como las líneas de investigación estratégicas de interés para los investigadores brasileños, en función de las cuales se aceptó a esos candidatos. Además de lo anterior, los datos obtenidos permitieron identificar las actividades de transferencia de conocimiento y de producción académica que se generarían entre becarios y orientadores brasileños. Las palabras clave se categorizaron por temas amplios y su frecuencia se puede ver en la siguiente imagen.

SUMARIO

Figura 3 – Categorización de los estudios realizados por los estudiantes de *Move La América*



Fuente: elaborado por las autoras (2025).

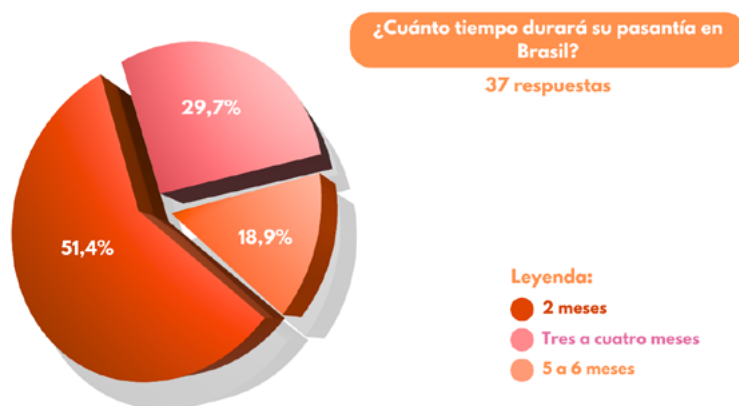
La siguiente pregunta enfocó en conocer el periodo que duraría la pasantía de cada uno de los estudiantes. La respuesta determinó que el 51.4% optó por una movilidad de tres a cuatro meses; el 29.7% respondió que llevaría a cabo una estancia de 5 a 6 meses. Por último, el dato con menos porcentaje demostró que solo 18.9% optó por una movilidad corta de dos meses. Los estudiantes que optaron por un tiempo más corto indicaron que esta decisión se debió a que tenían trabajos estables en sus países, por lo que el periodo de licencia para la movilidad académica se reducía a un corto plazo. Eso se tradujo, en el ámbito de las actividades académicas, en un aprovechamiento intensivo de seminarios y clases. Asimismo, implicó compartir la experiencia con profesores y estudiantes en la mayor cantidad de espacios posibles, con el fin de cumplir con uno de los objetivos del programa: la internacionalización de la educación superior en casa. Esta se materializa mediante la presencia de estudiantes extranjeros, quienes comparten aspectos de su cultura, sus investigaciones y sus saberes con la comunidad académica del país destino.

En algunos casos, el factor económico fue decisivo para realizar una estancia breve, debido al desconocimiento de una estimación aproximada de los gastos adicionales que implicaría el periodo de permanencia en el país extranjero. Aquellos estudiantes

que optaron por una estancia larga tenían el apoyo de sus instituciones educativas y laborales. En algunos casos, eran estudiantes que se dedicaban exclusivamente al posgrado, por lo que no requirieron permisos para la realización de la movilidad académica.

Sin duda, los alumnos que lograron desarrollar la movilidad académica por un periodo de cuatro a seis meses, tuvieron la posibilidad de vivir una inmersión académica más profunda (consulte el gráfico 3), en la que accedieron a una mayor cantidad de cursos. Eso les permitió obtener más créditos y así optar por una doble titulación académica. Además, muchos de ellos aprendieron el idioma y lograron comprender mejor la cultura del país extranjero.

Gráfico 3 – Sobre el posgrado que cursan los participantes



Fuente: elaborado por las autoras (2025).

Sobre el área de especialización de su posgrado, el 10.8% de los encuestados cursaba un programa en ciencias políticas y relaciones internacionales, el otro 10.8% señaló estar en un posgrado sobre lenguas y comunicación. El 8.1% respondió que estaba cursando un programa vinculado a las ciencias naturales y exactas (matemáticas). Con el mismo porcentaje, otro grupo de estudiantes señaló estar en un doctorado o maestría vinculada a las ciencias sociales. De igual forma,

SUMARIO

el 8.1% señaló estar vinculado a un programa de educación física. El resto del porcentaje se distribuyó entre estudiantes insertados en un programa relacionado con ciencias de la salud y las humanidades.

Otras preguntas se orientaron a indagar acerca de la facultad en la que el participante realizaba su estancia y de la institución de origen en la que cursaba sus estudios de posgrado; así como la temática abordada en sus respectivos proyectos de investigación. Las respuestas obtenidas evidenciaron la diversidad de los temas estudiados, la heterogeneidad de las áreas disciplinares de procedencia y el interés común por abordar problemáticas vinculadas a realidades emergentes, consideradas relevantes para el análisis desde América Latina y el Caribe.

En cuanto a la interrogante ¿Cómo te enteraste de la convocatoria *de Move la América* y por qué decidiste participar?, se pudo categorizar cinco tipos de respuestas, lo que permitió evidenciar la importancia que las redes de contacto tienen en la realización de las movilidades académicas. Los estudiantes decidieron participar porque conocían a alguien que, de manera directa, en el lugar de su estancia, lo respaldaría, o conocía a alguien que, a su vez, conocía a algún académico brasileño, con el que el estudiante podría tener algún apoyo. A continuación, se presentan las categorías recurrentes:

Tabla 1 – Datos sobre fuentes por las que se enteraron de la convocatoria los participantes

Categoría	Fuente de información	Conteo aproximado
Red de contactos académicos personales	Profesores/as guía, directores/as de tesis, colegas, codirectores, equipo de investigación, asesores vinculados a la universidad extranjera	23
Correos institucionales	Correos electrónicos, lista Clio, Bedelía, convocatoria enviada por la facultad	6
Redes sociales	Facebook, redes sociales, portal web	4
Difusión institucional	Por parte de la universidad de origen de los estudiantes.	4

Fuente: elaborado por las autoras (2025).

SUMARIO

Esa categorización reveló la importancia que las redes de contactos y de investigación tienen en la internacionalización de la educación, demostrando que va más allá de lo institucional. A pesar de que las universidades promueven esa comunicación, las respuestas al instrumento demostraron que los vínculos personales entre académicos son un canal más potente que la comunicación formal institucional; se destacó que los estudiantes acceden a oportunidades internacionales porque su red académica está integrada a circuitos globales, por ejemplo, profesores que realizaron pasantías o que tengan contactos en Brasil.

Este fenómeno se vincula con el concepto de capital social propuesto por Bourdieu (1990). En este sentido, el acceso a la movilidad no depende únicamente del mérito académico, sino también de la pertenencia a redes en las que circula información valiosa. Asimismo, la posición que ocupa el estudiante dentro de la red académica - por ejemplo, contar con un director o directora de tesis activo y con vínculos internacionales - facilita el acceso a estas oportunidades. Por otra parte, este proceso también refleja cómo los jóvenes investigadores van abriéndose camino en el ámbito científico, estableciendo sus propios contactos y fortaleciendo sus trayectorias. En este contexto, su desarrollo se ve favorecido por el reconocimiento de su potencial por parte de otros académicos, quienes contribuyen a su proyección y crecimiento en el campo.

Se hizo una reflexión, a partir de los resultados de la encuesta, sobre quienes no tienen acceso a redes académicas activas, pues, por algún motivo, ellos podrían tener mayores dificultades para acceder a una beca de movilidad académica. En ese caso, la selección se debía al interés de los orientadores por incorporar a un estudiante extranjero con una propuesta académica sólida vinculada a su área de investigación.

Para los estudiantes extranjeros, ingresar a un programa de movilidad, financiado por un país distinto al suyo, significa un

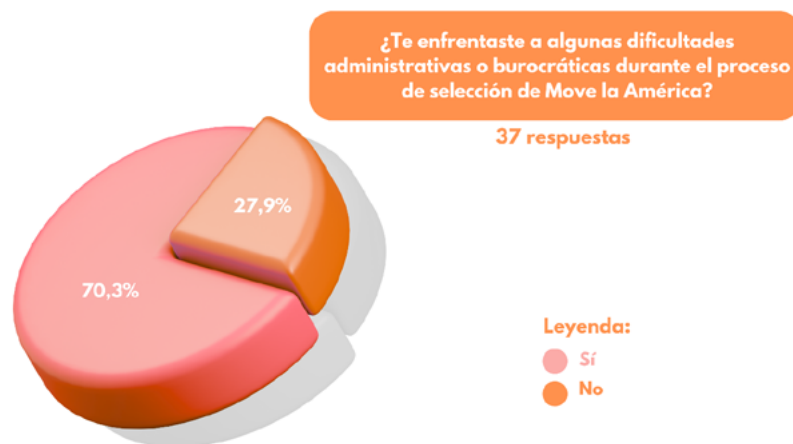
SUMARIO

gran logro, dado el esfuerzo que implica participar en una convocatoria internacional de becas y resultar seleccionado entre numerosas candidaturas.

La dimensión internacional de la educación superior ha puesto de manifiesto la importancia de profundizar en las brechas entre distintos perfiles estudiantiles, especialmente al analizar cuáles son los canales más efectivos para promover las pasantías académicas y la movilidad internacional en estudiantes de pregrado y posgrado. De ello dependen el impacto y demanda que pueda generar un programa orientado a fortalecer esta dimensión, la cual, actualmente, se asocia con la calidad, el crecimiento y el fortalecimiento de la infraestructura académica en las IES.

Cuanto a las dificultades enfrentadas antes y durante la movilidad académica (consulte el gráfico 4), los estudiantes mencionaron cuáles fueron las dificultades académicas, personales y profesionales que experimentaron; las respuestas se categorizaron en cuatro categorías comunes identificados:

Gráfico 4 – Sobre dificultades administrativas durante el proceso para obtener una beca



Fuente: elaborado por las autoras (2025).

Respecto a las dificultades, se nombraron algunas de las más importantes y se pueden ver en la siguiente tabla:

Tabla 2 – Datos sobre los desafíos y obstáculos vividos por los estudiantes antes y durante la movilidad

Categoría de dificultad	Descripción	Frecuencia ⁶
Administrativas y burocráticas	Trámites burocráticos excesivos	23
	Cambios constantes de requisitos	
	Problemas con el CPF y visa	
	Problemas con la comunicación en la "Linha direta"	
Retrasos financieros	Retraso en la entrega de becas	6
	Problemas con la tarjeta BBAmericas	
	Gastos personales las primeras semanas de la llegada	
	Falta de cronograma de pagos e instructivos	
Falta de comunicación y apoyo institucional	Respuestas tardías o nulas	4
	Contradicciones	
	Trato desigual según técnico asignado en la línea directa de CAPES	
Problemas con tutores/ coordinación académica	Tutores ausentes o poco disponibles para aclarar dudas	4
	Falta de apoyo de la oficina de relaciones internacionales por parte de la universidad extranjera	
	Falta de empatía en la recepción de llegada por parte de la institución extranjera	

Fuente: elaborado por las autoras (2025).

A partir de este ejercicio de categorización, se destacan las siguientes reflexiones: la mayoría de los estudiantes experimentaron dificultades de tipo administrativo y financiero, lo que, en muchos casos, pusieron en riesgo el éxito de la movilidad. Las fallas en la entrega de recursos económicos (retraso en el pago de las becas, tarjetas inutilizables, ausencia de un sistema de pago instantáneo

6 Valor aproximado, teniendo en cuenta las respuestas de los cuestionarios.



SUMÁRIO

como PIX) generaron situaciones de vulnerabilidad económica y emocional, lo que contrasta con los propios objetivos del programa. A pesar de los esfuerzos conjuntos de los administradores del programa, de CAPES y del gobierno, por gestionar adecuadamente el proceso de recepción y otorgamiento de apoyos a estudiantes extranjeros, algunos participantes se encontraron con situaciones fuera de su alcance, ya que el banco y otras instituciones, con sus propios calendarios y procedimientos, tardaron en solucionar.

Eso señala la necesidad de conocer a profundidad de qué manera funciona cada entidad involucrada en el financiamiento de becas y apoyos para estudiantes extranjeros; de esta manera, en próximas ediciones del programa, se podría gestionar, con mayor precisión, las etapas relacionadas con la entrega de los recursos y el acompañamiento brindado a los estudiantes, quienes requieren la beca para subsistir, pero también estabilidad emocional en su llegada a otro país para cumplir con todas las actividades académicas previstas.

Los estudiantes sugirieron que, para las próximas ediciones del programa, se elaboren cronogramas, manuales e instrumentos que brinden información clara, cronogramas confiables y herramientas digitales funcionales (como *Linha direta*) a todos, con el objetivo de evitar generar una carga burocrática excesiva, especialmente para los estudiantes internacionales que tienen su primer contacto con los trámites administrativos de un país extranjero.

En varios testimonios, se destacó una marcada desigualdad en el acompañamiento brindado durante el proceso de otorgamiento de la beca, la firma del convenio y el inicio de las actividades, así como el los trámites necesarios para recibir la tarjeta o la orden bancaria, según el técnico, el tutor o la institución receptora. Esto sugiere una descentralización sin regulación clara, lo que afecta la equidad del programa.

SUMARIO

Las capacidades institucionales reales, para llevar a cabo de forma eficiente, segura y justa la política para internacionalizar la educación, demuestran que además de la suma de voluntades, se hace necesario el acompañamiento administrativo en todas sus dimensiones. Son necesarios sistemas accesibles y empáticos, cultura institucional de apoyo y de corresponsabilidad que evite caer en la “internacionalización neoliberal”, donde la responsabilidad del éxito se transfiere a una persona (ya sea al estudiante o tutor de acompañamiento), sin garantizar condiciones estructurales de base donde la institución encargada del programa de movilidad asuma su responsabilidad. Esto termina impactando a nivel emocional y psicológico en el estudiante que se ve frustrado, ansioso, agotado, con una sensación de abandono como manifestaron muchos testimonios. Esa situación suele ser sistemáticamente invisibilizada por las estructuras que deberían ofrecer cuidado y orientación en toda iniciativa de este tipo. Sin duda, esto tienen efectos en la calidad del trabajo de investigación, el desarrollo de vocaciones científicas y la permanencia en el sistema de investigación.

Las dificultades señaladas por los estudiantes del programa y expuestas aquí, gracias a la participación de quienes respondieron al instrumento aplicado en el programa *Move La América*, representan una oportunidad para mejorar futuras convocatorias, de modo a que las expectativas y los resultados puedan acercarse y que el discurso integrador y colaborativo que se promueve se traduzca en la práctica.

Además de los retos administrativos y académicos, los estudiantes revelaron los desafíos personales, culturales y sociales a los que se enfrentaron al decidir realizar la movilidad académica. Esas respuestas se categorizaron en siete tipos de retos, descripción de la categoría y la frecuencia con la que fue mencionada por los participantes, como se muestra en el siguiente cuadro.

SUMÁRIO

Cuadro 2 – Retos personales y culturales durante la movilidad.

Tipo de reto	Descripción	Frecuencia ⁷
Económico	Gastos en dos países (alquiler, alimentación, transporte), pagos atrasados, manutención insuficiente	Muy alta
Familiar	Separación de hijos/as, pareja, mascotas, reorganización familiar	Alta
Laboral	Solicitud de licencias sin goce de sueldo, inestabilidad laboral a causa de los retrasos	Alta
Idioma y adaptación cultural	Dificultades con el portugués, choque cultural, barreras de comunicación institucional	Alta
Género y diversidad	Presión extra por identidades de género no normativas, falta de sensibilidad institucional	Media
Aislamiento social y emocional	Falta de red de apoyo local, soledad, ansiedad, ataques de pánico	Alta
Condiciones urbanas	Presión institucional para alojarse en ciudades costosas o peligrosas sin acompañamiento	Media

Fuente: elaborado por las autoras (2025).

Aunque los programas de movilidad académica buscan ser inclusivos, en la práctica suelen aprovecharlos mejor quienes tienen menos cargas familiares y/o mayor capital económico o redes de investigación sólidas. Mientras tanto, quienes dependen de empleos precarios, tienen responsabilidades familiares o cuentan con identidades no normativas tienen más dificultades para participar en estos programas.

Eso se vincula con lo que Stromquist (2008) señala entre la promesa de la calidad y el riesgo de la homogenización; existe una internacionalización de tipo excluyente, donde la movilidad es sostenible para algunos, quienes cuentan con un capital cultural y económico y pueden enfrentar el reto con mayores recursos

7 Valor aproximado, teniendo en cuenta las respuestas de los cuestionarios.

socioemocionales y económicos; mientras que, los que menos sostenibilidad tienen en estos niveles, se desarrollan con menos eficiencia en esta actividad académica.

Dentro de estas brechas poco visibilizadas en la movilidad estudiantil, se destaca también la salud mental. Varios testimonios señalaron haber sufrido ataques de pánico, así como debilidad emocional y deterioro de la salud mental. Este aspecto suele ser ignorado en las políticas de movilidad, pero es crucial. No solo afecta el bienestar del becario, sino también su productividad académica; refleja un sistema universitario deshumanizado, más preocupado por indicadores de internacionalización que por el cuidado de los participantes.

Los retos sociales y culturales enfrentados por los becarios del programa *Move La América* exponen una visión incompleta y funcionalista de la movilidad estudiantil internacional, donde los estudiantes no son reconocidos en su integridad emocional, social y humana. En lugar de constituir experiencias de crecimiento, muchos casos terminan convirtiéndose en situaciones de vulnerabilidad profunda. Es por ello que se hace urgente que las políticas de movilidad integren: apoyos psicosociales previos, durante y posterior a la movilidad; acompañamiento institucional real (tutores designados, referentes locales, servicios de traducción y mediación cultural); protocolos sensibles a la diversidad familiar, de género y cultural de los participantes candidatos de dichos programas.

En todo proceso de movilidad académica es común que surjan dudas e inquietudes relacionadas con los trámites administrativos, el dominio del idioma, o la comprensión de los lineamientos institucionales. Estas dificultades suelen intensificarse cuando las instrucciones oficiales no contemplan ciertas variables que se presentan en la práctica, generando incertidumbre tanto en los participantes como en los administradores del programa. Ante este panorama, resulta fundamental establecer redes de acompañamiento y contención que faciliten la comunicación y el apoyo mutuo. En este

SUMARIO



SUMÁRIO

sentido, el uso de tecnologías de la información y plataformas de mensajería instantánea, como *WhatsApp*, ha permitido la creación de grupos y comunidades virtuales donde los participantes pueden compartir informaciones, resolver dudas y canalizar situaciones emergentes. Incluso, quienes ya se encuentran en el extranjero pueden recurrir a estos medios para solicitar asistencia en casos de enfermedad o emergencia. No obstante, en algunos casos, estos canales no cumplen eficazmente su función, lo que puede dificultar el desarrollo adecuado del programa y afectar negativamente a la experiencia de movilidad.

Esta reflexión surge de las respuestas obtenidas a partir de la pregunta: ¿Cómo fue el contacto y comunicación con las autoridades administrativas de este programa y otras instituciones (por ejemplo, para el trámite del CPF en los consulados y con los profesores orientadores sobre los trámites que se debía atender)? Las respuestas obtenidas se clasificaron en categorías que están en el cuadro 3:

Cuadro 3 – Respuesta del canal o medio de contacto para resolver dudas o solicitar apoyo

Canal o medio	Valoraciones más comunes
Línea directa	Respuestas lentas, confusas o incompletas e inconsistentes entre técnicos
Correo electrónico	Predominante antes del viaje. Usado con consulados, CAPES y universidades. Eficaz solo en algunos casos
Grupos de <i>WhatsApp</i> entre becarios/as	Muy valorados. Suplieron las carencias institucionales con apoyo entre pares
Comunicación con profesores orientadores/as	Respuestas diversas, algunos muy atentos acompañaron puntualmente su llegada e inserción a la universidad. Sus profesores fueron ausentes o desinformados, ello generó un desconocimiento de procesos
Consulados brasileños	Buena atención, con dificultades para conseguir turnos en los trámites presenciales. Algunos tuvieron que viajar para hacer el trámite en el consulado y la página del consulado tenía instrucciones poco claras.

Fuente: elaborado por las autoras (2025).

SUMARIO

En conclusión, sobre la pregunta y respuestas derivadas de ella, los estudiantes en movilidad académica señalaron que la comunicación con las universidades brasileñas de destino fue buena con los programas de posgrado, pero deficiente con las oficinas de relaciones internacionales; en muchos casos, los estudiantes tuvieron que buscar información por su cuenta o apoyarse en otros becarios; la falta de protocolos claros de acogida provocó desorientación en trámites internos, como para la matrícula, el acceso a bibliotecas y credenciales.

“Supe cómo sacar la credencial porque me lo dijo otro estudiante” (entrevistado 6).

“Mi orientador me ayudó, pero nadie más me explicó nada, fueron comentarios frecuentes” (entrevistado 24).

Sobre el requisito de llegar al país extranjero y presentarse a la Policía Federal y Hacienda (para trámites migratorios y CPF), los estudiantes señalaron que el proceso ha sido burocrático, desorganizado y mal comunicado; que la página web no funcionaba o era confusa, y los turnos eran difíciles de sacar; que la información era fragmentada y contradictoria, lo que llevó a pérdidas de tiempo y dinero.

“Perdí tiempo y dinero por información errónea” (entrevistado 33).

“Tuve que ir varias veces para un trámite que al final ni siquiera necesitaba” (entrevistado 35).

El análisis de los testimonios permite concluir que la comunicación institucional en torno al programa fue desarticulada, lenta y poco empática. Para los estudiantes, eso se tradujo en altos niveles de ansiedad e incertidumbre, especialmente en temas sensibles como pagos, visas y llegada al país; dependencia excesiva de redes personales e informales para resolver trámites (lo que aumenta las desigualdades entre estudiantes con más o menos capital social); contradicciones entre CAPES y otras instituciones (como consulados o universidades receptoras) que terminaron por confundir a los becarios y becarias.

SUMARIO

A partir de este análisis, se pueden reconocer las debilidades que se deben sanar para las próximas convocatorias a programas de movilidad como *Move La América*. Los procesos tienen que ser más empáticos y tomar en cuenta la importancia de crear una guía institucional clara, unificada y actualizada sobre todos los trámites requeridos; asignar un agente institucional por universidad receptora, que actúe como canal humano de comunicación directa; promover capacitaciones básicas sobre el uso del sistema de comunicación directa entre técnicos del programa y participantes, asegurando niveles mínimos de atención; fortalecer la cooperación interinstitucional (CAPES, consulados, universidades, Policía Federal) con protocolos conjuntos.

Al respecto de la pregunta sobre el impacto que esta movilidad tendría en la vida académica, profesional y personal de cada uno de los participantes, se mencionó que la relevancia profesional que tenía la estancia en Brasil les estaba permitiendo ampliar sus redes de contacto a nivel internacional, tanto dentro de Brasil como con colegas de otros países de Latinoamérica que estaban participando en el programa.

Además, ya estaban viviendo oportunidades de colaboración en proyectos conjuntos y posibles alianzas institucionales con universidades y grupos de investigación. Esto les abriría puertas para la cocreación de acciones colaborativas.

"Esta movilidad me permitirá establecer redes Sur-Sur" (entrevistado 5).

"Me permite fortalecer las relaciones académicas y colaboración con equipos de investigación" (entrevistado 20),

Para otros estudiantes esta experiencia implicó tener un espacio exclusivo para avanzar con la tesis de maestría o doctorado, impulsando significativamente su investigación en términos de tiempo de dedicación, acceso a nuevas perspectivas, literatura, materiales, o profundización de sus proyectos.

SUMARIO

En especial, los estudiantes destacaron que trabajar con investigadores de alto nivel académico en Brasil les permitió analizar otra perspectiva en sus proyectos, algo que difícilmente hubieran logrado sin la movilidad. Por otra parte, el vivir solo fue un espacio propicio para alejarse de otras actividades que tenían en su país.

"Avancé en parte de mi tesis doctoral" (entrevistado 28).

"Conocí otras dinámicas de trabajo que me enriquecieron metodológicamente" (entrevistado 4).

"Una mirada diferente a mi trabajo de doctorado que no puedo tener en Uruguay" (entrevistado 12).

"Adquirí nuevas técnicas que implementaré en mi carrera profesional" (entrevistado 17).

Al respecto del intercambio cultural, el crecimiento personal y desarrollo de nuevas perspectivas, los participantes refirieron que la experiencia de vivir y estudiar fuera de su país representó un crecimiento personal significativo, tanto por el desafío de adaptarse a una nueva cultura como por el aprendizaje que implica formar parte de un contexto distinto. El desarrollo de la autonomía, la capacidad de adaptación a nuevas formas de vida y el reconocimiento de otras culturas fueron componentes importantes de su experiencia. El intercambio cultural fue señalado como la experiencia más valorada, ya que les permitió conocer no solo las costumbres y el idioma de Brasil, sino también la perspectiva de otros estudiantes de diferentes países. Dicha vivencia enriqueció sus relaciones interpersonales, generó nuevos lazos de amistad y estableció una red de contactos con personas de diversas culturas, lo que contribuye a una expansión de la visión del mundo.

"Esta es la primera vez que vivo fuera de mi país y ha sido un desafío" (entrevistado 10).

"Una maravillosa experiencia de conocer otra cultura, los alimentos, el idioma, las costumbres" (entrevistado 19).

SUMÁRIO

"Inicié un curso de portugués para poder leer bien la literatura" (entrevistado 7).

"Enriquecimiento personal a través del intercambio cultural y la creación de nuevas amistades" (entrevistado 13).

Sobre los impactos que los participantes percibieron ante esta movilidad en las dimensiones de docencia e investigación, se detectó que esta experiencia los ha preparado para mejores oportunidades de trabajo académico y docente, al haber trabajado en equipos multidisciplinarios y al haber colaborado con expertos internacionales. Esa experiencia los ayudó a desarrollar habilidades como adaptarse a diferentes contextos académicos, interactuar con otros estudiantes y participar en proyectos colaborativos, lo que les permitirá lograr visibilidad internacional en el campo en el que trabajan.

"Esta movilidad impulsará mis habilidades como docente e investigador" (entrevistado 16).

"Me ayudará a pensar en mi futuro académico desde una perspectiva internacional" (entrevistado 11).

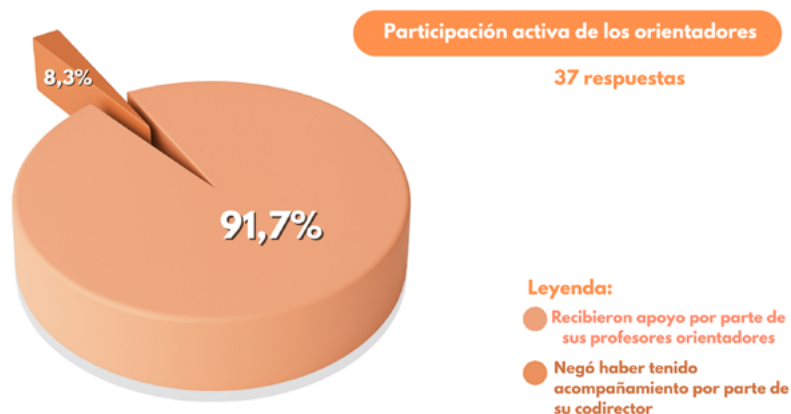
La movilidad estudiantil fue percibida por muchos participantes como una plataforma para obtener mayores y mejores oportunidades laborales y académicas en un futuro. El tejer redes implicaría establecer relaciones académicas para poder llevar a cabo proyectos interinstitucionales e internacionales en el futuro. Las redes de contención y apoyo entre estudiantes también generaron un medio para compartir convocatorias sobre becas, programas y oportunidades académicas para seguir desarrollándose en el ámbito académico.

Otra de las preguntas estuvo orientada a conocer sobre el apoyo que los profesores orientadores brasileños ofrecieron a los estudiantes extranjeros, y a reconocer el papel crucial que tuvieron en estos procesos administrativos y académicos para el éxito del programa. Aunque ya se ha comentado sobre el trabajo que desarrollaron los profesores que aceptaron acompañar a un estudiante

SUMARIO

extranjero (apoyándolo académicamente y con los trámites administrativos), el papel de estos docentes fue fundamental. Muchos de ellos asumieron la responsabilidad ética y personal de brindar apoyo a los estudiantes durante su estancia, se involucraron más allá de lo académico, asumiendo activamente el rol de guías, acompañantes personales, apoyo psicológico e incluso asesoría en los procesos y gestiones administrativas de los alumnos. De los 37 participantes, el 91.7% señalaron que recibieron apoyo por parte de sus profesores orientadores, el resto negó haber tenido acompañamiento por parte de su codirector. Vea el siguiente gráfico:

Gráfico 5 – Sobre la participación activa de los orientadores o tutores académicos



Fuente: elaborado por las autoras (2025).

La falta de participación por parte de los docentes o coorientadores con los estudiantes (8.3%) pudo deberse a las múltiples actividades que debían desempeñar. Además, la responsabilidad adicional que implica desempeñar esta función pudo incidir en su poca o nula disponibilidad para apoyar.

En cuanto a la pregunta sobre lo que más les gustó de su estancia en Brasil, los estudiantes participantes en este ejercicio aportaron que la amabilidad de las personas y la red de apoyo

afectiva en general fue muy importante para hacer de su estancia un periodo agradable. El apoyo desinteresado fue uno de los aspectos más valorados de la movilidad. Esto se tradujo en un sentimiento afectivo y un ambiente acogedor que facilitó la adaptación de la comunidad estudiantil extranjera.

"La gente es muy amable, la vida cultural y social" (entrevistado 6).

"Me han ayudado constantemente desde el primer día, generando una sensación de comodidad" (entrevistado 33).

Este aspecto resalta la importancia de las redes de contacto y contención en el proceso de internacionalización, como las comunidades afectivas y colaborativas que facilitan la integración. La amabilidad y la predisposición de la comunidad local favorecen la creación de un espacio sociable y amigable donde los individuos construyen relaciones valiosas que les permitirán acceder a oportunidades dentro y fuera del contexto académico.

La Conexión intercultural fue otro aspecto relevante destacado por los participantes, señalaron que este programa les permitió vivir la interculturalidad, aprender de otras culturas, conocer nuevas perspectivas, y entablar amistades con personas de diferentes países. La movilidad académica no solo ofreció una experiencia educativa, sino también un entorno donde los estudiantes pudieron expandir su visión del mundo y aprender sobre el contexto socio-cultural de otro país.

"Conocer a otros becarios, generar vínculos muy valiosos" (entrevistado 29)

"La diversidad de actividades culturales en la ciudad me permitió aprender mucho más que en un aula" (entrevistado 10)

Esto se relaciona con la dimensión internacional de la educación, donde los estudiantes logran ir más allá de los límites

SUMARIO



nacionales y se enriquecen con conocimientos y perspectivas globales. La interacción con personas de otras culturas coadyuva a ampliar el capital cultural y, a través de las vivencias compartidas, se pueden aprender sobre las normas, costumbres y formas de organización social en contextos internacionales.

Otro punto destacado por la comunidad en movilidad académica fue el intercambio académico y el conocimiento de nuevas metodologías; destacaron la posibilidad de acceder a nuevos enfoques en las diversas disciplinas científicas, lo que enriqueció significativamente su formación. El contacto con nuevos grupos de investigación y la diversidad de perspectivas teóricas sobre sus áreas de estudio les permitió ampliar el marco de su conocimiento.

“El acceso a conocimientos y metodologías complementa y enriquece mi formación” (entrevistado 38).

“La dinámica académica es distinta y me ha ayudado a ampliar mi perspectiva de investigación” (entrevistado 36).

“La dinámica en la UFRGS me abrió puertas y me permitió acceder a una nueva perspectiva en mi investigación” (entrevistado 7).

Este aspecto se vincula directamente con la internacionalización de la educación, donde los estudiantes no solo se benefician de la formación que reciben, sino también de las nuevas redes académicas que se tejen entre instituciones y grupos de investigación internacionales. Este intercambio de saberes y la posibilidad de trascender fronteras académicas son claves en la internacionalización de las universidades, lo que permite a los estudiantes incrementar su capital académico.

Como última categoría dentro de este apartado, los estudiantes en movilidad manifestaron que disfrutaron en reconocer cuan resilientes y adaptables eran en un contexto distinto, pues fue el reto personal que les permitió conocerse más. Señalaron que esta

SUMARIO



experiencia les concedió la posibilidad de desarrollar habilidades propias para desarrollarse en diferentes situaciones, para gestionar más su autonomía y comprometerse a aprender el idioma.

De manera general, la movilidad académica impulsada por CAPES, en el marco de una iniciativa del Gobierno de Brasil – que concibe la educación como un motor clave para la construcción de mejores escenarios futuros –, logró articular los distintos ejes del programa y ofrecer una experiencia formativa integral. Si bien implicó retos, desafíos a los tiempos establecidos y diversos obstáculos, estas dificultades fueron afrontadas de manera que se fortaleció la internacionalización de la educación. Este proceso no solo se sustentó en el traslado físico de estudiantes extranjeros a nuevos contextos, sino también en la generación de intercambios culturales, sociales y académicos que impactaron tanto en los estudiantes en movilidad como en aquellos que los recibieron en sus instituciones de origen.

También las universidades y los profesores orientadores actuaron como anfitriones, determinando el éxito del programa al integrar a los estudiantes en esas redes académicas colaborativas. La internacionalización también se manifestó en la iniciativa de los estudiantes extranjeros, quienes, más allá de su nacionalidad de origen, se apoyaron mutuamente para construir redes de contención que generaran espacios de diálogos y nuevas oportunidades de crecimiento académico, compartiendo información sobre becas y programas que les permitieran seguir desarrollándose académicamente.

SUMÁRIO





4

**TEJIENDO VOCES
Y ACCIONES
EN UN CONTEXTO
DE MOVILIDAD
ACADÉMICA**

SUMÁRIO

Escuchar es el primer paso hacia la libertad. Cuando damos voz a quienes siempre han sido silenciados abrimos las puertas a un mundo donde todas las existencias son reconocidas y respetadas.

En abril, la UFRGS dio la bienvenida a los 59 estudiantes becados por *Move La América*, pero estuvieron presentes en el evento solamente 27 de ellos, pues ya estaban en el país. En dicha reunión, las autoridades señalaron que 50 estudiantes provenían de América del sur y 9 del Caribe y destacaron el compromiso de los 49 profesores orientadores involucrados en recibirlos, y que además estaban participando en 22 programas de posgrado. Allí diversas autoridades de los campus vinculados a la oficina de relaciones interinstitucionales e internacionales y la coordinación de posgrados brindaron información sobre la “doble titulación”. Los estudiantes podían acceder a este beneficio siempre que cumplieran con los procesos administrativos necesarios en tiempo y forma, y cumplieran los requisitos establecidos.

Cuando el comité estudiantil y representantes de una comisión de estudiantes extranjeros residentes en Brasil se presentaron y contaron sobre sus logros en la UFRGS y se mostraron dispuestos a apoyar y orientar a los estudiantes de *Move La América* recién llegados al país, obtuvieron una respuesta rápida de parte de los becarios. Después de esa interacción, muchos estudiantes indicaron que necesitaban su intervención para hacer que los desayunos en el comedor estudiantil fueran más económicos, pues la beca no alcanzaría para concluir el mes con los gastos de lavandería, alimentación y vivienda.

Los estudiantes de la comisión, que habían mostrado solidaridad y disposición para apoyar, se encontraron confundidos, como si nadie hubiera presentado antes solicitudes de este tipo. Incluso las autoridades parecieron desconcertadas ante los pedidos para reducir los costos de los alimentos, señalando que estos costos

SUMÁRIO

ya habían sido acordados con antelación y que no se habían recibido quejas previas. Sin embargo, un mes después de la reunión y de esta presión que recibieron, la prorectoría de posgrados y la prorectoría de asuntos estudiantiles comunicaron a los estudiantes que los costos del almuerzo en el comedor estudiantil serían de R\$1,30 en el Restaurante Universitario (RU) y que este beneficio sería válido para los estudiantes en movilidad internacional.

Algunos estudiantes se acercaron a las autoridades académicas para dar a conocer de manera puntual los problemas que estaban enfrentando en esta movilidad, otros manifestaron sobre la demora con los pagos de la beca ya fuera por tarjeta u orden bancaria; y los demás se reunieron para crear un grupo de *WhatsApp* con la finalidad de resolver dudas, dialogar y orientarse entre sí sobre informaciones, procesos, actividades y gestiones; se trataba de un grupo de contención organizado con la voluntad de apoyarse mutuamente en un país extranjero donde el idioma representaba un reto para muchos. Fui incluido en este grupo virtual y eso fue importante para poder aplicar el cuestionario a una muestra significativa de compañeros que se encontraban en Porto Alegre.

HISTORIAS DE VIDA Y REDES EN MOVIMIENTO

Fue a partir del contacto con estudiantes de movilidad que llegaron a la UFRGS que se diseñó un instrumento de aplicación y se realizaron entrevistas, con el fin de conocer, a través de sus voces, la percepción que tienen sobre la realidad educativa de sus países. Lograron conocer datos importantes sobre internacionalización de la educación, la interculturalidad, y armar un diálogo con redes intelectuales a partir de esta movilidad, pues quienes han logrado

llegar a Brasil se visualizan como posibles agentes de cambio de la realidad en que viven.

Dado que una de las características distintivas del programa consistía en ofrecer becas a estudiantes de posgrado (maestría y doctorado), así como la captación de participantes provenientes de países de América Latina y el Caribe, se partió del supuesto de que estos contextos comparten, en cierta medida, una historia marcada por la conquista y la resignificación de sus procesos coloniales e independientes. En este marco, se buscó conocer sus condiciones sociales, aspectos de su trayectoria de vida y formación, así como sus aspiraciones profesionales. Asimismo, se analizó el significado que la movilidad tenía para ellos, junto con los retos y desafíos enfrentados y las perspectivas que proyectaban a corto, mediano y largo plazo a partir de esta experiencia de investigación.

La entrevista y los testimonios que ofrecen son una herramienta metodológica muy valiosa, no solo como fuente de evidencia sino también como espacio de construcción de conocimiento entre los actores y quienes llevan a cabo la investigación. Son un espacio de comunicación intersubjetiva que conduce por senderos insospechados. El valor de las entrevistas no reside tanto en la cantidad de preguntas, sino en su cualidad. Hay preguntas que denotan otras respuestas, y por eso es importante escuchar a los entrevistados para darle la oportunidad de expresar otros aspectos que quieran compartir.

Para detallar el acercamiento metodológico a los testimonios, primero se explica cómo se diseñaron y planificaron las entrevistas y, posteriormente, las dificultades encontradas a lo largo de su realización. Al ser variable el mes y día de llegada de los estudiantes de posgrado a Brasil, la selección de los entrevistados se hizo de acuerdo con la disposición de ellos, el interés por dar a conocer su percepción y también los tiempos que su agenda académica permitía. A pesar de que se consideraron diversas estrategias para recabar los testimonios (sondeos, encuestas y grupos focales), al final, la

SUMARIO



SUMARIO

opción más adecuada, resultó ser la realización de entrevistas individuales con integrantes del grupo.

Las entrevistas revelaron diversos desafíos en la trayectoria de cada participante, así como sus sueños, aspiraciones y luchas personales para continuar con sus estudios. A partir de estos testimonios, fue posible conocer, de manera general, los distintos contextos de los que provenían los participantes. En sus relatos se identificaron algunas categorías conceptuales comunes, así como las oportunidades académicas a las que habían accedido en relación con sus contextos. Asimismo, se logró comprender como interpretan su propia formación profesional, aspecto que constituye uno de los aportes centrales de este trabajo.

A continuación, se presentan breves caracterizaciones de los estudiantes entrevistados. Para cada uno se señala su nombre, edad, nacionalidad y área de desarrollo científico, así como su percepción sobre esta experiencia de movilidad académica y las perspectivas que vislumbran en el ámbito de la educación y la investigación científica. Las entrevistas no se presentaron en su formato original, ya que contienen algunos aspectos que los entrevistados revelaron y posteriormente solicitaron omitir. Asimismo, durante la conversación el orden de las ideas suele dispersarse o vincularse con otros temas, lo que dificulta una lectura más fluida.

ARGENTINA: INCERTIDUMBRE EN EL HORIZONTE DE LA EDUCACIÓN SUPERIOR

El entrevistado es un profesor del Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria (INTA), tiene 45 años, es argentino y desde niño quiso ser investigador. Él viene de “una familia tradicional de

SUMARIO

Mendoza", su papá es ingeniero y su mamá abogada. Dado que sus padres eran profesionistas y que en Argentina la educación es gratuita la desde el nivel básico hasta el superior, él no tuvo dificultades para acceder a sus estudios. Se destacaba en ciencias exactas y tenía claro que quería ser investigador. El trabajo en laboratorios y realizar experimentos era su pasión, hasta que en el tercero año de la secundaria, antes de ingresar a la universidad, una profesora marcó su vida al hablarle de cívica y ética, de la democracia, de la capacidad de elegir y ser elegido. Allí descubrió que la vida social tenía sus propias reglas de funcionamiento y decidió descubrir ese nuevo mundo de reglas, actores y agentes sociales. En la universidad eligió estudiar ciencias sociales.

Sus padres lo apoyaron, aunque consideraban que esta área de conocimiento no le ofrecía muchas ventajas para alcanzar el "éxito laboral". Así optó por dedicarse a las ciencias políticas, porque tenía claro que quería y "podía influir en la transformación de la realidad". Durante su formación, participó activamente en la militancia estudiantil. También desarrolló un fuerte interés por la prospectiva y por el análisis político de largo plazo. Esto lo llevó a pensar que "nada es imposible; la única limitación para actuar reside en nuestros propios modelos mentales, que delimitan nuestro campo de acción".

Sin embargo, a pesar de esta fuerte convicción, que lo ha motivado a continuar realizando estudios de posgrado, reconoce que en los distintos contextos educativos de América Latina y el Caribe es fundamental generar condiciones materiales que permitan a niños, jóvenes y adultos continuar con sus estudios. Solo así se podrá garantizar una inclusión educativa efectiva para quienes desean estudiar. Estas mismas condiciones también harían posible que más estudiantes, como él, puedan vivir una experiencia de movilidad.

Para él, Argentina es, en el contexto actual, un país de incertidumbres. Docentes, estudiantes y sociedad en general están viviendo una época difícil con el gobierno actual. Por ello, llevar a cabo una

movilidad como la que ofrecía CAPES con *Move La América*, era un oasis para los estudiantes de posgrado de su país. Para él no era una sorpresa que más de la mitad de los estudiantes que estaban en Brasil, por este programa, fueran de Argentina, y afirmó que ser un estudiante extranjero en Brasil significa:

"Ser la punta de lanza de tu país para hacer una red de investigación", "la movilidad es una pesquisa, una conquista académica y personal, donde tenemos que cosechar los frutos académicos que cultivamos en esta movilidad" (entrevistado 8).

La agencia de este entrevistado en el programa fue vital, él creó una comunidad en WhatsApp para reunir a los estudiantes de intercambio. Inicialmente, el grupo era exclusivamente de estudiantes argentinos, sin embargo, él reconoció la necesidad de abrir el grupo a compañeros de otras nacionalidades para apoyarse, acordarse y acompañarse en este proceso de movilidad y durante la estancia en Brasil. El profesor, al contar con otras experiencias de movilidad, sabía que "nadie debía quedarse solo por estar lejos (de casa), hay que crear grupos de pertenencia". En ese caso, más que ser un grupo de pertenencia de una cultura como argentina, era un grupo de estudiantes que habían decidido hacer movilidad, viviendo esa experiencia en común, muy probablemente con las mismas problemáticas administrativas, de adaptación y con el idioma. Al ingresar estudiantes de otros países a ese grupo de Argentina, el grupo se volvió una comunidad de encuentros, de apoyo, una verdadera cadena de contención. Los estudiantes que llegaban eran incorporados al grupo virtual, así podían aclarar dudas, extender invitaciones y compartir noticias. Uno de los becarios afirmó lo siguiente:

"A pesar de que todos estamos aquí porque elegimos querer vivir la experiencia, a prender y todo...tiene un costo: el desarraigo" (entrevistado 8).

La salud mental y cómo cada uno de los estudiantes de movilidad enfrenta esa adaptación al país de visita fueron temas

SUMÁRIO



SUMARIO

abordados en la entrevista. Algunos de los desafíos con los que tienen que lidiar son el huso horario, el estar lejos del país de origen, de la familia, desarrollarse en otro contexto y cultura con un idioma distinto al suyo. Así como recorrer calles nuevas y conocer el nuevo espacio geográfico en el que se ubica, probar nuevos alimentos, encontrar las palabras correctas para comunicar sus necesidades a los demás; todo eso se vuelve un descubrimiento, una conquista en cada éxito y un aprendizaje en cada equívoco. Vivir esa experiencia hace que la persona madure ante esos sucesos o, entonces, que quiera regresar a su país. No obstante, esa comunidad de apoyo en WhatsApp tenía el papel de alentar y alertar; las experiencias compartidas allí eran útiles para todos, al relatar sus vivencias, positivas o no, ayudaba a los demás. Algunos estudiantes fueron los mejores terapeutas por algunos días al escuchar y contener a otros con menos experiencia en las dificultades de la movilidad. De esa manera, se estrecharon lazos que seguramente trascenderán la movilidad y se consolidarán como amistades y redes de investigación.

Justamente, la consolidación de redes de investigación era uno de los objetivos que Javier tenía claro al realizar su movilidad académica en Brasil. Tenía la convicción de que la construcción del conocimiento no es un hecho aislado, sino un proceso que se desarrolla en sociedad y en comunidad, a través del diálogo entre contextos, sujetos y momentos históricos. Por ello, una de sus principales metas era articular diálogos y crear redes científicas con colegas brasileños que compartieran inquietudes similares en el campo de investigación en el que se desarrolla, ya que:

“Todo investigador debe tener un capital relacional y estar conectado al mundo, si quiere ser un referente a nivel regional, Latinoamérica o internacional. Por eso es tan importante la movilidad científica.” (entrevistado 8).

Antes de su llegada a Brasil, ya contaba con un grupo de colegas que lo apoyaron en este proceso. Él ya cuenta con una trayectoria

SUMARIO

académica, profesional y de investigación consolidada, siendo un referente regional y nacional en su país. Sin embargo, a nivel personal, él necesitaba hacer esta movilidad para “salir de la cotidianidad, del contexto institucional y con la motivación de terminar la redacción de la tesis, de aprender de otra cultura, conocer otro espacio”, otro lugar con dinámicas distintas. La búsqueda de un espacio para concluir la redacción de la tesis y aislarse de su contexto original con actividades preestablecidas en la rutina no era voluntad exclusiva de Javier; otros becarios habían decidido optar por la movilidad por ese mismo motivo, vivir unos meses lejos de la familia y en un contexto académico. Otras variables contaban para el éxito de este propósito, como las actividades extracurriculares en Brasil, el deseo por visitar los atractivos turísticos del lugar, los trámites administrativos que se debía hacer y las responsabilidades domésticas para mantener limpio el cuarto o departamento en el que cada uno vivía.

Para Javier, la dificultad que encontró, al hacer esta movilidad, fue su propia idea de que los programas se ofertan para los “jóvenes investigadores”. Por ser profesor, contar con una trayectoria académica y tener 45 años, consideraba que su perfil podría jugar en contra su candidatura a la movilidad académica:

“Yo ya soy investigador, tengo 45 años, esto (la movilidad) es para jóvenes en procesos de formación. Nadie va a elegir a un tipo como yo.” (entrevistado 8).

En el último día, debido a la insistencia de su asesora de tesis, ella decidió “tirarse a la piletta”, pues tampoco el contexto argentino en la dimensión política e institucional es bueno, por lo que decidió apostar a salir de su país para expandir su red de posibilidades académicas. Esta reflexión sobre la edad, el perfil del candidato, el imaginario sobre quiénes son los investigadores de la actualidad y del futuro, permitió pensar sobre cuáles son las características, qué dimensiones valorar, o qué requisitos cumplir para vivir esa experiencia.

SUMARIO

"Depende de la edad de cada uno, la situación de cada uno, qué sé yo. Lo laboral es una dimensión importante, buen la dimensión personal también, Yo porque estoy soltero, pero a lo mejor si hubiera tenido familia, a lo mejor ni estaría acá. No movilizaría a mis hijos, o a mí familia seis meses. Depende también de cuánto le guste viajar a cada uno, de cuánto esté uno abierto a conocer otra cultura." (entrevistado 8).

Para Javier, los esfuerzos y la apuesta del gobierno de Brasil por el programa *Move La América* habían sido titánicos, más allá de los problemas administrativos, reconocía que se había invertido dinero y esfuerzo en los estudiantes de movilidad. Están convencidos de que la educación, la ciencia y los jóvenes investigadores son el futuro que podrá enfrentar los retos del mañana, pues son las redes académicas e interculturales las que fomentan el diálogo entre pueblos. También creen que la ciencia y la educación deben ser públicas, y que cada vez más con mayores esfuerzos y condiciones que favorezcan la inclusión en este tipo de becas y programas.

Para realizar una movilidad estudiantil, es importante recordar que la movilidad académica no se limita únicamente a la visita a otro país tras obtener una beca. Este proceso implica una serie de trámites y requisitos que cumplirse. En el caso de este programa, además, era necesario estar cursando un posgrado. En la mayoría de los países latinoamericanos, los estudios de posgrado son arancelados y tienen un costo elevado. Asimismo, muchos estudiantes trabajan y estudian a la vez. Esto implica gestionar permisos laborales y afrontar diversos gastos relacionados con trámites o con la manutención inicial, mientras se espera la llegada de la beca. El éxito de una movilidad, de poder llevarla a cabo, involucra no solo al programa, sino considerar a los factores, prácticas, habilidades y procesos para alcanzar esta experiencia, donde lo académico, lo institucional, lo administrativo y lo familiar se articulan y muestran una ventana al interior de lo que Bourdieu (1990) definía como la relación que hay entre campo, capital cultural y hábitos.

MÉXICO: SER DOCENTE, INVESTIGADORA Y MADRE ES UN RETO

SUMARIO

Ella es estudiante de maestría en una institución privada. Es madre de tres hijos, está casada y también trabaja. Para conciliar su rol de madre, esposa, docente y estudiante ha atravesado diversos procesos que le han permitido continuar con su formación académica. Asimismo cuenta con el apoyo de su esposo, quien también se desempeña en el ámbito académico y la motiva a seguir estudiando.

Al salir de la escuela preparatoria tenía el sueño de estudiar arquitectura, pero al presentar el examen para ingresar a la universidad en la carrera que ella deseaba, no aprobó. Después de los resultados, decidió conseguir un trabajo y, mientras tanto, estudiaría para poder aprobar el examen de admisión el próximo año. Después de dos semestres, lo intentó y fue admitida en la carrera de arquitectura. Durante los primeros meses conoció al que hoy es su esposo y se percató de que la carrera no cumplía con sus expectativas, por lo que decidió dejar la facultad y seguir trabajando.

Tiempo después, casada y con una hija, dejó de trabajar. Fue entonces cuando se enteró de que la carrera técnica de Artes Visuales se convertiría en una licenciatura, esa posibilidad la entusiasmó para regresar a la universidad y estudiar esa nueva carrera en la Universidad Autónoma de Sinaloa. Como estudiante se dedicaba medio tiempo a su carrera y el resto del tiempo a ser madre. Para ella, contar con el apoyo económico, moral y emocional de su esposo fue importante para que pudiera concluir sus estudios universitarios. Su esposo tenía un empleo estable que le permitía solventar los gastos del hogar y de los otros hijos que tuvieron durante su formación. Al concluir la carrera, su esposo decidió realizar un postdoctorado y fue allí donde tuvo la oportunidad él de hacerlo en el extranjero,

en Porto Alegre, Brasil, para ser preciso en la UFRGS. Su esposo conocía a un profesor de esa universidad, participó a una convocatoria y pudo obtener la beca para cursar su posdoctorado por tres años en la universidad brasileña.

Para ella la mudanza no significó un martirio, en realidad fue la oportunidad de conocer otra forma de vida, una cultura distinta, de salir de la cotidianidad en Sinaloa. "Me adapté muy bien, en ese tiempo era ama de casa a tiempo completo, me sentía feliz, disfrutaba mucho de mi casa y de mi familia. Mis hijos aprendieron portugués, mi esposo tenía la posibilidad de quedarse aquí en Brasil como profesor de la UFRGS." Sin embargo, al concluir los tres años de estancia, y la beca posdoctoral, de parte del gobierno de Brasil, así como la beca de parte del Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología (CONACYT) de México, tuvieron que regresar, pues la universidad mexicana, en la que trabajaba su esposo, exigía que él regresara para cumplir con sus funciones, o bien, lo despedirían.

Regresar a México para ella fue complejo, ella no encontraba trabajo en el campo de su carrera, tuvo que trabajar en algo distinto al área en la que se había formado. "Se nos cerraron muchas puertas, fue muy difícil. Creí que no habíamos hecho bien en regresar." Sin embargo, su esposo comenzó nuevamente a producir académicamente y después de readaptarse a la realidad de Sinaloa, participó en el Sistema Nacional de Investigadores (SNI), fue aceptado y eso fue lo que le ayudó a obtener el estatus de Profesor Investigador de Tiempo Completo dentro de la Universidad. Nuevamente, él pudo sostener los gastos del hogar por completo y ella dejó de trabajar. No obstante, su esposo la impulsó a trabajar en la universidad como profesora en la facultad de artes, se postuló, participó en una entrevista y fue llamada a incorporarse al cuerpo docente.

Posteriormente, su esposo, otra vez, la motivó a cursar una maestría, pero, para ella, regresar a la academia después de años dedicados a la maternidad y a la casa implicaba un triple esfuerzo:

SUMARIO



SUMARIO

“Yo tengo varios años fuera del contexto académico. Me cuesta trabajo. Es retomar algo que había dejado atrás”, pero contar con su esposo hace que todo para ella sea menos difícil de lo que podría ser. Él al ser académico la apoya, le enseña cuando ella tiene dificultades, la incluye en los proyectos de investigación que él desarrolla, porque considera que ahora es tiempo de que ella crezca en ese terreno, ya que antes no pudo por sus hijos. “A pesar de que en México el machismo está tan arraigado, el pensamiento de mi esposo es algo liberal, él siempre se ha hecho responsable de mis hijos, de mí y me ha ayudado a crecer, porque nunca es tarde para estudiar”, y es cierto, todos tenemos ritmos distintos, que se tienen que situar para conocer cómo llegamos y por qué cada uno va trazando su ruta académica en cada momento, etapa, tiempo y espacio.

Regresar a Porto Alegre como becaria por *Move La América* se hizo posible gracias a su esposo, él le brindó las pautas para que no dejara de intentarlo, pues ya tenía esa experiencia. Su proyecto consiste en entrevistar a artistas de Porto Alegre para impulsar políticas públicas vinculadas a las artes. Ahora que se encuentra en este país nuevamente, cerca del barrio donde vivió, señala que para ella esta vez ha sido distinta, porque ahora ha venido con su hija mayor. Su esposo no está, y ella ha tenido que resolver todo sola.

Para la entrevistada, los dos grandes retos fueron el permiso laboral y arreglarse sola con su hija en Porto Alegre, dejar a la mitad de su familia en México y estar lejos de su esposo que, además de ser compañero de vida, ha sido guía en su trayectoria académica. Ella es consciente de que quiere seguir dedicándose a la docencia, para ello debe seguir preparándose. A su esposo le faltan pocos años para jubilarse y han pensado en la posibilidad de regresar a Brasil, aunque su él también piensa migrar a Estados Unidos y que sus hijos estudien en el extranjero. La entrevistada sabe que tiene la posibilidad de cursar el doctorado en la UFRGS, la ve como un lugar donde puede continuar con su formación.

SUMARIO

La entrevistada 1 es tan solo una muestra de las mujeres que, tras ser madres y dedicarse a ello exclusivamente, retoman los estudios para seguir perfeccionándose en la carrera de docente. Este oficio exige una preparación continua, estudios de posgrados y cursos subyacentes que coadyuven en su desarrollo en el aula, pero también se ha vuelto requisito para desempeñarse en estos espacios. La experiencia de la entrevistada permite reflexionar sobre los esfuerzos que dedica la mujer para poder compaginar el papel de mamá y de trabajadora. Muchas estudiantes o académicas en ciernes dejan de lado la maternidad para poder competir en el mundo laboral académico, lo que exige extenuantes evaluaciones constantemente. Pero la realidad va más allá de este campo.

Aunque en México estudiar no garantiza encontrar un empleo donde en el área en la que uno se formó, las tasas de desempleo, de informalidad laboral y de empleos sin prestaciones, como seguro médico, han ido en aumento. Además, existen pocos concursos de oposición para acceder a plazas docentes, por lo que se requieren más esfuerzos para generar y ampliar espacios laborales:

En México, la tasa de desempleo entre los jóvenes es superior a la tasa de desempleo general y no se ve afectada por los ciclos económicos, es decir, en los periodos de auge de la economía, la tasa de desempleo entre los jóvenes sigue siendo alta. En este contexto, contar con una carrera profesional no es garantía de ocupación laboral de manera inmediata (Viveros y Cortés, 2023, p. 2).

La entrevistada reconoce que el apoyo de su esposo es crucial para que ella siga preparándose, pues él la motiva; actualmente él forma parte del Sistema Nacional de Investigadores de México, eso la ha impulsado a seguir estudiando en momento en que sus hijos están más grandes y más independientes y ella tiene el tiempo necesario para dar clases y seguirse estudiando. Esta es la realidad de mujeres y hombres en México que tienen que pausar su preparación continua por temas relacionados con el hogar. En este sentido, cabe destacar que las mujeres siguen siendo más vulnerables.

SUMARIO

Además, no todas las mujeres cuentan con el apoyo de su pareja o familia, ni con los recursos para seguir con los estudios de posgrado. Sin embargo, actualmente, en México, se cuentan con ayudas como becas para madres de familia y becas de posgrado para mujeres embarazadas, que han impulsado estudiantes en esta situación o mujeres que desean seguir con sus estudios después de un periodo. Sin embargo, las posibilidades laborales y la oferta de concursos de oposición siguen siendo pocas en comparación con la demanda: "La población juvenil con educación superior es uno de los grupos más perjudicados. Esto se atribuye al desequilibrio entre demanda y oferta laboral" (Viveros y Cortés, 2023, p. 1).

En la charla con la entrevistada se planteó el tema de la fuga de cerebros que actualmente es un tópico importante a ser tratado. Cuando ella afirmó haber sentido que su esposo tenía más oportunidades laborales en el extranjero que en su propio país, donde le resultó más difícil regresar y ascender laboralmente, se percibe que, a pesar de que los profesionales pueden seguir preparándose gracias a las becas de posgrado que existen en México y en el extranjero, los egresados tienen pocas oportunidades de insertarse en el campo laboral y muchos migran a otros países con mayor oferta.

La fuga de cerebros resulta estar financiada por el estado sin que al mercado le cueste un centavo [...] Conahcyt es la instancia del gobierno mexicano que conoce de cerca esta problemática; aunque no ha dado a conocer datos recientes, ha informado que cerca de 1.2 millones de mexicanos con títulos universitarios y de posgrado emigraron entre 1990 y 2015, y entre ese año y 2017 se fueron 866 mil mexicanos altamente calificados, según la OCDE, en busca de mejores oportunidades (Bahena, 2024, p. 1-2).

El problema es estructural, no existen suficientes espacios para insertarse laboralmente. El salario, en ocasiones, tampoco es suficiente para vivir. Las oportunidades en el extranjero suelen resultar más atractivas que las disponibles en el país. Más que una cuestión de compromiso con la devolución al país, o a las comunidades,

SUMARIO

de la inversión realizada por el estado, como señala Bahena “esto es el resultado del liberalismo que permea la comunidad estudiantil, sin un compromiso real con sus comunidades” (2024, p. 13), se trata de una problemática estructural. En este sentido, la falta de oportunidades laborales adecuadas para quienes han cursado estudios de posgrado genera una situación de desilusión al no encontrar espacios de inserción que ofrezcan condiciones laborales dignas.

Otro aspecto a discutir, es que aunque en el artículo de Bahena (2024) se afirma que la educación en México es gratuita y se compara con el contexto Norte Americano, la autora no discute los pagos de “cuotas voluntarias” que muchas veces son obligatorias para que los niños y niñas del país puedan seguir estudiando, y tampoco el tema de cuáles son las condiciones para que cada vez más la población infantil tenga acceso a la educación. En México hay una alta tasa de analfabetismo, niños y niñas que trabajan para ayudar económicamente a sus familias, en un contexto en que estudiar no es una posibilidad, pues ir a la escuela implica una inversión de tiempo y gastos con uniformes, transporte público, refrigerios y otros. Eso es uno de los motivos por lo cual muchos profesionistas migran de país para brindar mejores oportunidades y condiciones de estudio a su familia.

Se exige que los profesores se preparen y cada vez sean más competentes o tengan mayores grados de estudios, pero no se les brindan los permisos para llevar a cabo una movilidad, o el estudio de un posgrado. El sueldo como docente por contrato o interino tampoco llega a ser suficiente para costear un posgrado y mantener los gastos del hogar, a menos que se opte por una beca que exige dedicación a tiempo completo.

Otra discusión es la de ser madre, esta condición implica, en algunos casos, dejar de estudiar para trabajar y dedicarse a cuidar al hijo o hija. Los estudios de preparación se pausan y no se retoman hasta que los hijos crezcan y la mujer cuente con tiempo y

condiciones necesarias para seguir estudiando. En algunos casos, esa situación tiene como consecuencia la desactualización de la profesional cuanto a los temas actuales de la investigación, o implican un doble esfuerzo para adaptarse de nuevo a la academia.

DO CHILE A ARGENTINA: MIGRAR PARA CRECER

Ella estudia periodismo y comunicación en Chile. Para hacerlo, tuvo que pedir un crédito universitario, pues la matrícula en su país es costosa y no todos tienen acceso a poder costearla. Este crédito consiste en que el interesado solicita un crédito al Estado, para ello, los encargados de admitir estos préstamos analizan la situación socioeconómica del hogar, los ingresos y te asigna un porcentaje de crédito de acuerdo a la cuota que solicitas y que, con base en ella, deberás pagar para ir liquidando poco a poco el valor.

Ella tuvo acceso a un crédito que debía pagar durante un año y medio, junto con la correspondiente tasa de interés. En ese contexto, se abrió una brecha importante en relación con los seguros. En caso de accidente o fallecimiento, la deuda del crédito recaía en quienes figuraban como responsables, que en muchos casos eran los padres o tutores de los estudiantes. Cuando la entrevistada tenía 19 años y llevaba más de un año de estudios en licenciatura, fallece su papá, quien había firmado el crédito para ella. Esta desgracia hizo que el pago por el estudio de la carrera completa se redujera al préstamo del crédito e interés:

Una vez que te recibes tienes dos años para pagar ese crédito, en mi caso solo pagaría por un año y medio la carrera, en otros casos era la carrera completa. Cuando mi papá fallece, yo quedo cubierta por ese seguro para terminar la carrera. Fue una bendición. (Entrevistada 7).

SUMARIO

Paradójicamente, la pérdida de su papá favoreció la finalización de sus estudios y así no tuvo que pagar el crédito e interés, pues tenía tres hermanas más que estaban estudiando. Estas situaciones de vulnerabilidad, donde la matrícula se paga, y algunos padres o jóvenes tienen que hacer doble esfuerzo para pagar no solo su manutención, pero también la cuota de inscripción y reinscripción, visibiliza que solo aquellos con mayores ventajas o posibilidades son los que tienen la oportunidad de salir adelante e insertarse en el campo laboral con mejores empleos. En este caso, la muerte del papá de la entrevistada trajo un beneficio, en el sentido de que el costo de su carrera se dedujo al pago de un año y medio, mientras que otros estudiantes, tenían que pagar por la carrera completa, fuera cual fuera su duración, lo que implicaba, al egresar, insertarse en el campo laboral para pagar ese préstamo, y el sueldo dividirlo entre los gastos del hogar y el dinero para pagar la deuda adquirida.

Ella se recuerda a sí misma como una mujer inquieta en el terreno de la investigación y de su quehacer social. Había terminado la carrera con mucho esfuerzo y quería transformar a su entorno, poner sus servicios a disposición de la comunidad.

Su tesis sobre radios comunitarias la llevaría a otro país para desde allí desplegar procesos de desarrollo territorial. Todo empezó cuando una excompañera de carrera le habló sobre la posibilidad de migrar a Argentina, porque allí había una "radio comunitaria muy grande", pues sabía que su amiga quisiera extender sus horizontes y trabajar con lo que había desarrollado en la carrera. Así que, sin más, ella reunió sus ahorros, vendió las pocas cosas que había adquirido al estar trabajando y le contó a su madre y a sus hermanas. Ellas comprendieron que quería seguir aprendiendo y quería probarse a sí misma en un contexto lejos de su hogar y de su país, donde pudiera seguir formándose y tener mayor contacto con las comunidades.

La entrevistada llegó a vivir en una comunidad, allí trabajaba haciendo voluntariado. El lugar que ella recuerda es semejante a las

SUMARIO

favelas que existen en Brasil. En un principio vivió el desarraigo, comprendió que, aunque Argentina y Chile son países vecinos, tienen culturas distintas. En ese momento empezó a reconocer lo que había dejado atrás y el lugar adonde estaba. Tenía permiso para desarrollarse por un año en este voluntariado, pero, al tomar gusto por lo que hacía, y al lugar donde vivía, optó por quedarse y extender su estancia un año más. Además, su decisión se vio motivada y reforzada por la posibilidad de estudiar un posgrado en Argentina, donde si bien la matrícula tenía un costo, era muy accesible en comparación con el contexto de posgrados en Chile, donde estudiar un posgrado se vuelve una cuestión de élite, pues solo aquellos con mejores condiciones socioeconómicas pueden pagar un estudio de este nivel. En cambio, en Argentina tenía la posibilidad de adquirir una de las tantas becas que la universidad ofrecía y así fue como estuvo un año más. Año en el que se enamoró y tuvo a su primer hijo.

Argentina era un buen lugar para vivir y seguir creciendo académicamente, ella tenía la oportunidad y la tomó. Cursar la maestría allí le daría la oportunidad de quedarse dos años más en el país. La entrevistada recordó que en algún momento en Argentina los posgrados eran gratuitos, y si bien, ahora se pagan, el precio es accesible para casi todos los que tienen el deseo de seguir preparándose.

La entrevistada recuerda que tuvo momentos difíciles durante la maestría, pues la maternidad supuso nuevos retos y, aunque su esposo la apoyaba, ella dividía su tiempo entre las actividades del posgrado, las tareas del hogar y la maternidad. No tenía familia para apoyarla en el cuidado de sus hijos. Cuando finalizó los cursos de la maestría, optó por trabajar medio tiempo y decidió que la tesis esperaría un poco, pues su esquema consistía en trabajar para apoyar en el hogar y dedicar tiempo a la crianza de sus tres hijos.

Ahora que su hija mayor tiene 18 años, ella está cursando el doctorado. Ha logrado organizar bien sus tiempos entre dedicarse a la familia, ser profesora de una universidad de Argentina y estudiar

SUMARIO

el máximo nivel de titulación académica. Ella afirma que ahora que sus hijos son mayores, requieren menos atención y por eso decidió participar en la movilidad académica. Su esposo también la apoyó. Al igual que la entrevistada 1, cuenta con una pareja que la apoya para seguir creciendo académicamente y alcanzar sus sueños. Sus esposos reconocen que las madres de sus hijos, de alguna manera, sacrificaron su carrera académica para dedicarse a la maternidad, y que es momento de seguir adelante con sus objetivos.

La entrevistada pensaba, como el entrevistado 8, que el programa *Move La América* beneficiaría a los investigadores más jóvenes, sin embargo, lo intentó y se percató de que el programa no hizo distinciones por edad. Para ella, ese hecho transmite un claro mensaje de que no hay una edad para estudiar, que la maternidad no debe ser un dique u obstáculo para seguir el camino de la academia y de los sueños por cumplir.

Para la entrevistada, vivir en Brasil dos meses significó conocer a jóvenes y estudiantes de su edad, con los que compartió conversaciones y tiempo juntos, y con los que se cobijó cuando la congoja tocaba a la puerta. También significó salir de la rutina, tener más tiempo para escribir su tesis y contar con un espacio donde reencontrarse, un logro más en su trayectoria académica. En palabras de ella, este programa de movilidad es un estandarte de las ideas y principios del gobierno brasileño que:

Está a favor de la ciencia, del conocimiento y de la integración regional. El gobierno popular de Lula dispuso recursos y gestiones para hacer posible el programa de movilidad que generara el diálogo entre países que comparten un mismo continente. Cree en la educación y en la internacionalización. Para nosotros en Argentina, que estamos atravesando un gobierno que está precarizando a la educación superior y a los posgrados, destruyendo el sistema científico y tecnológico, sabemos que, Move La América era nuestra gran oportunidad de aprovechar a hacer movilidad y construir redes, obtener una beca con recurso de

SUMARIO

Brasil para hacerlo. Del total de gente que se presentó en el programa (Move La América) eran argentinos, y era para toda América Latina y el Caribe. (Entrevistada 7).

Estos testimonios son las voces que representan a otros estudiantes argentinos, colombianos, venezolanos, chilenos, paraguayos, mexicanos que se encontraban realizando movilidad académica. Cada uno tenía una voz y una historia que contar, se había esforzado para poder salir de su país y realizar una movilidad que le permitiera abrirse a otras posibilidades, conocer otras culturas, poner en práctica los seminarios de interculturalidad, de internacionalización, y todo lo aprendido en los posgrados era puesto en escena. Los retos personales, las *saudades*⁸ se pusieron a prueba, y el instinto de sobrevivir y poner en alto a su país, desempeñándose con alto rigor en cada una de las actividades, fue lo que se destacó con el programa. Quienes estaban allí eran más que estudiantes e investigadores, eran hijos, hijas, madres, padres de familia, docentes, profesores, novios y novias, hermanos y hermanas, sujetos con una vida que habían dejado temporalmente atrás para cambiar de residencia por dos o seis meses, que tenían y tienen el sueño de crecer en la academia, de generar redes que les permitan ser un referente local, regional, nacional e internacional en el campo de la investigación. También desean como humanos ser voz que logre trascender para transformar la realidad, estar en favor de que cada vez la dimensión educativa de los diversos países latinoamericanos y del caribe sea más inclusiva, donde exista una verdadera integración y diálogo entre países, entre científicos y sus diversas disciplinas, donde las conexiones y hablar de apoyos transversales sea posible.

Es importante señalar que las voces femeninas aquí recuperadas permite discutir sobre la condición de la mujer que decide ser madre, estudiar un posgrado al mismo tiempo y desempeñarse como docente; estas mujeres muchas veces tienen que pausar sus estudios

SUMARIO

para dedicarse a la crianza de los hijos y aportar económicamente al hogar, por lo que la continuidad de su formación académica queda suspendida y supeditada al apoyo familiar o al crecimiento del hijo o de la hija para retomar la academia. Las investigadoras más jóvenes, en ocasiones, deciden no quedar embarazada para evitar pausar sus estudios de posgrados o evitar barreras que impidan su crecimiento profesional. El temor a la exclusión de proyectos profesionales o a ser menos consideradas para ciertas becas, así como la incertidumbre sobre cómo conciliar la demanda laboral y familiar, a veces juega un papel importante en la decisión de ser madre o no:

Una encuesta realizada a 80 profesoras e investigadoras de la Universidad de Murcia que habían sido madres en los últimos cinco años mostró que muchas de ellas habían retrasado su maternidad. El objetivo: seguir desarrollándose laboralmente en el ámbito académico. Así, un 63% estaba totalmente de acuerdo en que la maternidad había repercutido en su currículum, haciéndolo menos competitivo que el de las compañeras sin hijos. La causa es que ellas se pudieron centrar más en la docencia que en la investigación. Las encuestadas encontraban la mayor dificultad en la imposibilidad de realizar estancias en el extranjero. También en asistir a congresos nacionales o internacionales. (Gallardo, 2021, p. 8-9).

Las políticas públicas que se impulsan actualmente serán las que definan el futuro de las universidades y de una sociedad que tenga la convicción de que la educación pública es el camino para liberar mentes, promover el crecimiento económico y formar en valores y humanidad. En este sentido, se busca que niñas, niños, jóvenes y adultos puedan acceder a la posibilidad de continuar formándose sin ser excluidos por no contar con recursos para pagar una matrícula, por la edad, por ser madre o hija, o por tener que sacrificarse a sí mismos.

Realizar movilidad estudiantil es una conquista grande que no todos los estudiantes de pregrado y posgrados pueden probar,

SUMÁRIO

pero muchas veces la gente, los administrativos y las autoridades educativas u organismos e instituciones que promueven los programas educativos y convocatorias de becas, dejan de ver a la persona, al ser humano que está llevando a cabo esfuerzos titánicos para poder alcanzar esa meta. Llegar en Brasil, para cada estudiante extranjero, no fue fácil, tuvieron que superar obstáculos internos y externos, personales, profesionales y académicos.

La vida personal está estrechamente vinculada a la vida profesional y académica de los estudiantes de posgrado, así como de docentes e investigadores. Las trayectorias académicas implican tanto logros como obstáculos superados, que permiten marcar la diferencia. Más allá de los datos, en este trabajo se han visibilizado las voces surgidas de un encuentro que permitió conocer las experiencias y los contextos de algunos compañeros que realizaron movilidad académica. Escuchar sus voces ha sido también escuchar otras que se entrelazan al coincidir en logros y dificultades y que, a pesar de ello, persisten en la búsqueda de un sueño de superación, en el ámbito académico y educativo, impulsando transformaciones a través de sus acciones.

Estas historias afirman la vida y los encuentros, hacen creer en la educación. Apoyar a la internacionalización de la educación y gestionar programas para la integración e interculturalidad es necesario y el gobierno de Brasil lo hizo. Para muchos estudiantes, la movilidad estudiantil es un sueño, a veces casi inalcanzable; sin embargo, es a partir de la toma de conciencia y del coraje de atreverse a dar el paso, a pesar de la burocracia y las trabas, que se vuelve posible.



5

VOCES DE LA EXPERIENCIA:

MIRADAS QUE SUEÑAN
CON FUTUROS EDUCATIVOS
PROMETEDORES

SUMÁRIO

Quería capturar el discurso que no habla, el discurso silencioso, el discurso suave, el discurso secreto (Barros, 2018, p. 48).

Acercarse a la voz que gestionó e intervino en los procesos administrativos para hacer posible la movilidad estudiantil de 59 estudiantes de posgrados extranjeros, en la Universidad Federal Río Grande del Sur de Brasil, es importante y necesaria, pues se trata de una persona clave que vivió el proceso desde su promoción de la convocatoria hasta el regreso de los estudiantes a sus países.

La UFRGS, al asumir el compromiso de recibir a estudiantes en el marco del programa de *Move La América*, se vio inmersa en un proceso que puso a prueba su capacidad de respuesta, de postulación y gestión del personal administrativo y académico. Su participación implicó no solo trámites para la firma de convenios necesarios, sino también la disposición de los docentes para asumir nuevas responsabilidades, además de las actividades ya tenían. Asumir el cargo de profesor orientador, involucraba tareas como: orientación académica, resolución de exigencias burocráticas y, más importante aún, la coordinación conjunta con el orientando para superar las etapas determinadas por CAPES.

Al tratarse de la primera edición del programa *Move La América*, quedaron expuestas a través de solicitudes presentadas ante la CAPES y la UFRGS, así como de otros documentos de inconformidad y de solicitud de apoyo, diversas dificultades que evidenciaron los desafíos administrativos a los que se enfrentan tanto los estudiantes de movilidad como las instituciones al participar en procesos de internacionalización de la educación. Las gestiones burocráticas suelen ser extensas y poco claras.

UN ANÁLISIS DE LAS REDES COLABORATIVAS PARA MEJORAR LOS PROCESOS DE MOVILIDAD ESTUDIANTIL: UN DIÁLOGO CON FABIANA MARCELLO

SUMARIO

Fabiana de Amorim Marcello resultó particularmente destacada por su liderazgo, claridad conceptual, gentileza y vasta trayectoria académica y en la gestión universitaria. Su conocimiento sobre procesos de movilidad estudiantil internacional se forjó con base en la experiencia, al haber cursado estancias en Francia como estudiante de posgrado. Eso le permitió dimensionar, desde una mirada crítica y propositiva, los retos que implica la implementación de un programa con esas características.

Para la profesora, que estuvo involucrada directamente en la administración y funcionamiento operativo del programa en su universidad, participar en *Move La América*, representando al departamento de posgrado de una IES como la UFRGS, demandó una capacidad de respuesta ágil y una notable adaptabilidad a los cambios, exigencias y tiempos estipulados en la convocatoria.

Fabiana destacó que, desde el inicio de la convocatoria, el compromiso de la institución se manifestó a través de la articulación entre el personal docente y administrativo, quienes sostuvieron un diálogo constante para consolidar la presentación de candidaturas institucionales frente a CAPES. La primera etapa comprendió que ella, como responsable del departamento de posgrado, fuera integrada a un grupo de *WhatsApp* con responsables de programas de posgrado de todo el país. Este grupo inicialmente funcionó como un espacio de apoyo y circulación de información, sin embargo, se convirtió en un entorno virtual saturado de dudas, en el que la falta de respuestas rápidas dificultaba la claridad comunicativa. Esta

SUMÁRIO

experiencia reveló la necesidad de trabajar de manera más organizada y certera para construir canales eficientes que, de acuerdo con la profesora Fabiana, podría ser más factible crear comunidades de comunicación por regiones o por estados, que permitan un puntal seguimiento y acompañamiento para el avance de los procesos administrativos.

A pesar de su familiaridad con la plataforma CAPES, identificó como uno de los principales desafíos técnicos la inestabilidad del sistema. Las fallas constantes en la interfaz dificultaban la realización de trámites clave, retrasando así la ejecución de etapas aparentemente sencillas. En este sentido, una de las recomendaciones sugeridas por la profesora Marcello fue la de elaboración de manuales específicos dirigidos a las áreas involucradas de las universidades (coordinación de posgrados y relaciones internacionales). Otra recomendación fue la de que los profesores orientadores, que habían decidido adoptar académicamente a un estudiante extranjero, usaran la plataforma para comunicar dudas con respecto a la llegada de las tarjetas para comprar los pasajes, entre otros temas.

En próximas ediciones del programa, se podría pensar en ofrecer materiales que tuvieran orientaciones claras sobre el uso de la plataforma, sobre los procedimientos necesarios y la documentación requerida. Incluso sería interesante incorporar particularidades como informaciones sobre los documentos de identificación CPF, cuyo trámite representó un obstáculo adicional para los estudiantes extranjeros que vivían en provincias y que su uso, para poder acceder al sistema, generó confusión.

Otro aspecto relevante señalado por la entrevistada fue el de la baja tasa de postulaciones recibidas al inicio del lanzamiento de la convocatoria, lo que obligó a CAPES a ampliar los plazos para la presentación de candidaturas, debido a que una cantidad considerable de becas aún estaban disponibles. Esta situación pone en evidencia la necesidad de reforzar las estrategias de difusión y

SUMARIO

que, sin duda, se verán reforzadas en próximas convocatorias del programa, ya que muchos estudiantes de intercambio que regresan a sus países después de la movilidad. Ellos llevan consigo la experiencia y el compromiso de compartir lo vivido, sin contar los que han logrado realizar convenios para la doble titulación, lo que implicará un mayor alcance en la difusión de las próximas convocatorias de *Move La América*.

No obstante, la profesora Fabiana enfatizó que la escala de participación no solo depende de la difusión de la convocatoria a través de los distintos canales, sino que también de factores estructurales como la falta de acompañamiento institucional para la solicitud de una beca de movilidad internacional, de permisos laborales para estudiantes que también trabajan y de recursos económicos, ya que la beca de movilidad no siempre es inmediata y se requiere tener cierto capital durante los primeros días.

En cuanto a la planificación institucional para recibir a los estudiantes extranjeros, la profesora Fabiana evaluó la recepción como un trabajo coordinado sobre el que se debe trabajar más, no solo para brindar información útil, sino que también los estudiantes se sientan acogidos por la universidad. Es importante escucharlos y apoyarlos administrativamente, así como en el acceso al aprendizaje del nuevo idioma.

La propuesta de clases pagas para aprender el idioma se lanzó el 14 de abril, fecha en la que se llevó a cabo la recepción de estudiantes, sin embargo, ante el rechazo de algunos estudiantes por haber que pagar el curso, pues la beca otorgada era módica, las autoridades tardaron dos semanas, aproximadamente, para brindar cursos gratuitos. Este lapso de tiempo fue crucial; los estudiantes que habían llegado para una pasantía de dos meses, no tuvieron la oportunidad de tomar el curso. Es por esta razón que la preparación adecuada, los tiempos en los calendarios y agenda institucional para brindar una buena experiencia de movilidad a los estudiantes

extranjeros es importante para solidificar vínculos más estrechos entre las instituciones que representan a cada uno de ellos.

Pese a las dificultades y retos, la profesora Fabiana subrayó el esfuerzo del gobierno de Brasil por implementar esta iniciativa que representa un paso significativo hacia una internacionalización más inclusiva. El programa *Move La América* promueve el intercambio intercultural, fomenta alianzas interinstitucionales y contribuye a la construcción de relaciones diplomáticas entre países latinoamericanos. Estas acciones se enmarcan en una política educativa que reconoce la importancia de las “parcerías interinstitucionales” para consolidación de una educación superior glocal, comprometida con las realidades locales pero abierta al diálogo y a la cooperación internacional.

En cuanto a la importancia de la movilidad estudiantil, la profesora Fabiana enfatizó que esa experiencia constituye un referente tanto en la vida de quienes la viven como en la de quienes se ven impactados por ella, así como en la propia universidad. Esto se debe a que se trata de uno o varios estudiantes que deciden realizar un recorrido, ya sea nacional o internacional, para llegar a una institución que han elegido por diversas razones, como su prestigio, su calidad o tradición educativa, o los programas que ofrece.

En conclusión, la experiencia de la UFRGS permite identificar aprendizajes clave que pueden orientar futuras ediciones del programa y fortalecer las capacidades institucionales para la recepción de estudiantes internacionales. La planificación estratégica, la capacitación del personal, la mejora de los canales de comunicación y la construcción de políticas acogidas son fundamentales para avanzar hacia una internacionalización sostenible, equitativa y de calidad.

No se debe considerar la recepción de estudiantes extranjeros en una universidad solamente como un fenómeno de movilidad, sino como un hito estratégico que impacta en los estándares

SUMÁRIO



SUMARIO

de internacionalización integral y en los parámetros de calidad de la universidad visitada ya que fue seleccionada por el estudiante entre otras IES. Además, el estudiante extranjero al ser un agente activo dentro del campus universitario visitado, introduce una experiencia cultural que forma parte del bagaje y la memoria de los estudiantes locales; ambos se ven impactados porque se generan intercambios culturales, académicos, sociales y políticos que van más allá del tiempo de la estancia, se vuelven procesos de comprensión de largo plazo.

Los estudiantes extranjeros y locales, desde su mirada, no solo representan a sus instituciones educativas, son también una muestra simbólica de cómo interactúan con el entorno, interpretan normas y abordan las problemáticas sociales y de educación. Por su parte, el estudiante extranjero también reconoce el valor que tiene llevar a cabo una movilidad, él o ella representa a su país, institución y cultura, y está allí para formar un vínculo con esa universidad.

El docente que recibe a este alumno extranjero en su clase, lo que implica la incorporación de un agente nuevo en la dinámica de clase, que requiere ser integrado y acogido tanto por él como por sus estudiantes. Esto pone en juego su destreza pedagógica para lograr dicha integración. Asimismo, desde la mirada extranjera, en el aula se despliegan las matrices ideológicas, sociales, políticas y educativas de una región o de un país.

En el caso de *Move La América*, los profesores fueron más que docentes en el aula: asumieron el rol de orientadores, desempeñando funciones clave en la gestión y en la comunicación, lo que permitió que muchos estudiantes vivieran un proceso menos caótico frente a las exigencias burocráticas. Los profesores orientadores se convirtieron en guías académicos y, hasta cierto punto, también personales para los estudiantes, quienes aprendían a desenvolverse en un contexto y en un idioma distinto al que conocían. Se trató de un ejercicio claro y sostenido de corresponsabilidad académica.

SUMARIO

La movilidad académica para ella, que ya fue becaria y ahora es personal administrativo en esos trámites, sabe que esta experiencia es un marco en la vida académica y personal, una vivencia que contribuye al reconocimiento de la diversidad que existe en la universidad, así como la multiplicidad de perspectivas y formas de vida. Asimismo permite el encuentro de aquello que nos une - lo humano - y constituye, en sí misma, "el descubrimiento de un modo distinto de vivir la universidad". "Es la posibilidad de ampliar tu visión del mundo", donde de conquista una mayor autonomía propia de tu vida académica y personal, pero en la que, no obstante, te hace más humano al conocer, respetar y comprender a otras culturas, personas y procesos universitarios.

Cabe destacar que la profesora Fabiana fue encargada de brindar información sobre la cotutela y doble titulación en la Universidad de Río Grande del Sur. Desde el departamento de Educación, ella brindó el acompañamiento necesario para orientar a los estudiantes interesados en este proceso que, a causa de la burocracia, tardaría, pero que, por compromiso de parte de ella y de las autoridades educativas, no se vería frenado. En ese sentido, la profesora Fabiana gestionó las reuniones, la documentación necesaria y aclaró dudas importantes a los estudiantes. Esta acción demostró una vez más el interés por generar canales de comunicación continua, vínculos entre instituciones que permitan relaciones académicas con países hermanos por su historia y una cultura parecida. Es importante reconocerse como continente y considerar que cada país está realizando esfuerzos para que el acceso a la educación básica y superior siga abriendo un camino de inclusión de las dinámicas de movilidad estudiantil y estudios de posgrados con validez y reconocimiento en otras instituciones.

REDES INTERCULTURALES DESDE LA INTERNACIONALIZACIÓN DE LA EDUCACIÓN: ENTREVISTA CON MARILIA MOROSINI

SUMARIO

La profesora investigadora Marília Morosini es un referente en el campo de la internacionalización de la educación superior en su país y en el mundo. Es actualmente profesora de la Pontificia Universidad Católica de Río Grande del Sur (PUCRS), una de las instituciones privadas más prestigiosas de Porto Alegre. Esta entrevista se llevó a cabo gracias al programa *Move La América* que me permitió viajar a Porto Alegre y asumir el rol de estudiante en la UFRGS. Entrevistar a la profesora en este contexto representó acercarme a la voz de la experiencia de quien ha trabajado con este tema por décadas y poder conocer, desde su visión, sobre el programa de movilidad que lanzó su país. Ese movimiento se hace necesario para que se pueda conocer y comprender las conquistas y apuestas educativas que están empezando a emerger en América Latina, siendo Brasil un ejemplo.

Para presentar la entrevista realizada, se despliegan las preguntas elaboradas y se destacan las respuestas de la profesora. Para ello las iniciales EE indican las preguntas formuladas por la entrevistadora, mientras que las iniciales MM corresponden a las respuestas brindadas por la profesora Marília Costa Morosini.

EE: Gracias por aceptar esta entrevista profesora Marília. Entonces, profesora, quisiera saber, desde una perspectiva política de los programas de internacionalización para la educación superior, ¿qué representa *Move La América* para usted como referente internacional en el tema de la internacionalización de la educación y las políticas educativas en la educación superior?

SUMARIO

MM: En términos de internacionalización tenemos organismos multilaterales que han venido demostrando la importancia del proceso de intercambio entre los diversos países, ya que eso confiere una cualidad para la enseñanza principalmente, pero también confiere, en un plano mayor, la búsqueda de un conocimiento y una participación intercultural, inclusive de paz entre los pueblos, porque a medida que no nos conocemos, nos elaboramos imaginarios, preconcepciones sobre la cultura de aquel país, una verdad que no es la verdadera, ahí entra nuestra posición etnocéntrica o de relativismo cultural. Por ello, es importante conocer la cultura de un país, a través de la realidad, de un encuentro con alguien o con un grupo de ese país, que significa, a su vez, un encuentro con esa cultura distinta a la nuestra o parecida, de acuerdo con lo que vamos conociendo. La UNESCO es uno de esos organismos multilaterales que ha puesto, como un punto principal, la reunión de países involucrados en el área de la educación. Hay migrantes en búsqueda de mejores condiciones de vida, pero ser migrante ha puesto a estas personas en condiciones de vulnerabilidad social de sus derechos, basta ver el ejemplo de Estados Unidos con los migrantes, la concesión de las visas, todas esas acciones que lejos de hermanar a los pueblos, los contraponen, afectando así a los tratados internacionales, pero también en el ámbito de la educación, afecta al desarrollo de la internacionalización de la educación superior. Se busca impulsar con ello mejores condiciones laborales, una mejor capacitación, conexión e integración regional emancipadora; para lograrlo se requieren acciones de los gobiernos, disposiciones, esfuerzos y ahí coloco a *Move La América*, un programa del gobierno de Brasil que financia becas para estudiantes y profesores de posgrados de América Latina.

EE: Profesora Marilia, ¿por qué retornar a nuestro continente? Muchos estudiantes piensan en hacer movilidad en Europa o traer a estudiantes de movilidad europeos, en este contexto y desde esta apuesta, ¿por qué Brasil genera un programa para los países vecinos, para Latinoamérica y el Caribe?

SUMÁRIO

MM: Existe el Sistema de Informações Georreferenciadas (GeoCAPES). Al analizarlo, por así decirlo, podemos hacer un buen estudio comparativo de los destinos de nuestros estudiantes. La gran mayoría de nuestros estudiantes van al hemisferio norte: Estados Unidos, la Unión Europea y otros a Australia. Y recientemente, quizás a Latinoamérica, principalmente Argentina. *Move La América* busca que este intercambio sea más efectivo en América Latina y el Caribe, para que se genere un intercambio entre países hermanos, la paz entre los pueblos del sur global. Así que lo apoyo enormemente. Por supuesto, he escuchado muchas críticas al programa. Muchos dicen: "¿Por qué pagaríamos para que un estudiante no brasileño venga a estudiar con nosotros?" Hay innumerables críticas. Pero esto forma parte de la política internacional. Forma parte de este concepto de integración universitaria, regional y emancipadora. Tengo que desarrollar toda esta idea. Brasil tiene un sistema de posgrado muy desarrollado. Claro que este sistema no es para todos. Tenemos muchas políticas que impiden a los estudiantes realizar estudios de posgrado. Nuestro programa de la Pontificia Universidad Católica de Río Grande del Sur ofrece becas para estudiantes extranjeros y de bajos recursos. Sí, ofrecemos becas, y la mayoría de nuestros estudiantes no pagan porque tienen becas del gobierno. ¿Y por qué tienen becas del gobierno? Porque somos un programa de excelencia. Somos la mejor universidad privada. Por lo tanto, cuanto mayor sea la excelencia que alcances, sea la calificación, 6 o 7, más becas recibirás. Brasil tiene programas de acción afirmativa. Quizás no sean suficientes, porque somos un continente grande. Pero creo que, con el tiempo, estamos cambiando los programas de acción afirmativa para los programas de pregrado. Por ejemplo, las universidades públicas tienen una regulación que establece que el 50% de sus plazas en cualquier programa son para programas de acción afirmativa. Así que si ya tienes acceso a la universidad lo único que debes buscar, como estudiantes, es la permanencia. Pero el camino está en marcha. Porque, antes, las personas de clase media o baja ni siquiera tenían en mente la ambición de ir a la universidad. Era imposible.

Ni siquiera sabían cómo lograrlo. No sabían que podían. Hoy en día, con estos programas es posible. Claro que tenemos que considerar que estamos en otros tiempos, probablemente las generaciones de estudiantes vienen con una base educativa básica más frágil.

EE: Al respecto de lo que acaba de mencionar, profesora Marilia, es muy importante destacar los programas de becas que actualmente los gobiernos de los países están otorgando a los estudiantes de pregrado y posgrado para que continúen con sus estudios, es cierto que los sectores de la población más vulnerable siguen teniendo dificultades para mantenerse en la universidad una vez que ingresan. Estos programas de becas y movilidad como *Move La América* favorecen la generación de posibilidades laborales, académicas e interculturales a estudiantes de posgrado, y creo que la beca que otorgan es un esfuerzo por ser más inclusivos, para que más estudiantes tengan la oportunidad de participar. Este tema me interesa mucho, el del acceso a las oportunidades en la educación superior y posgrados a partir de mapear las condiciones de vida y las condiciones políticas, económicas y culturales de los países. Creo que muchas veces se cuestiona sobre por qué cada vez más jóvenes tienen menos fe en la educación, en contextos marginales. Estudiar en la universidad no garantiza mejoras en las condiciones de vida, pero más allá de eso, no se observan los esfuerzos múltiples que hace un estudiante para estar allí en el aula, a pesar de que no solo es hijo, sino a veces también padre, jefe de familia, hermano, trabajador...

MM: Entonces, sobre las condiciones. Las condiciones sociales, educativas y económicas son decisivas, es una postura en relación a lo que crees, lo que un gobierno apoya y los impactos que genera en la sociedad. Las escuelas públicas, a menudo, también enfrentan dificultades. Pero el estado tiene que empezar a trabajar muy pronto para cambiar las circunstancias. A menudo el estudiante también es un trabajador, mantienen a sus familias. Es decir, las fragilidades educativas de las generaciones de estudiantes actualmente están presentes; son deficientes por las múltiples tareas que el estudiante

SUMARIO



SUMARIO

desempeña con frecuencia, pero también y sobre todo, que el docente debe desempeñar. Como dato, nuestro programa de licenciatura, si lo miras, es mayormente nocturno. Nocturno, porque cada persona trabaja en tiempo integral. En pedagogía, la gran mayoría de nuestros estudiantes cursan a la noche. Ya no tenemos cursos por la tarde ni por la mañana porque trabajan en educación infantil.

EE: Efectivamente, y eso ocurre en Brasil, donde el estudiante tiene la oportunidad de escoger su horario, pero en otros países, como en México, esa posibilidad no existe, el horario es o matutino o vespertino, de acuerdo con el programa, no a las necesidades del estudiante o a un estudio de pertinencia que mapee o diagnostique las circunstancias de los jóvenes o adultos que están ingresando en las universidades o posgrados. ¿Doctora Marilia, usted como docente, investigadora reconocida a nivel internacional, siendo mujer y madre, a qué retos se enfrentó en este camino para alcanzar sus metas profesionales? Es muy importante conocer un poco de su contexto educativo, su trayectoria y situarnos para que otras mujeres de esta generación se inspiren a seguir sus sueños en la academia, y también, para evidenciar los retos que se encuentran detrás de una figura tan importante como lo es usted en el ámbito de la educación superior.

MM: Déjame decirte. Mi abuela era austríaca y mi abuelo era italiano. Cuando llegaron aquí, necesitaban que la familia trabajara. Sin duda. Así que eran... No eran muchos, ¿sabes? Pero mi madre ya trabajaba. Así que creo que ya venía con la mentalidad de que se podía trabajar. ¿Sabes? Eso fue en 1900 y... esa era la época. Sí, mi madre sabía que era genial trabajar, que había un salario. Ella no era... ¿Cómo decirlo? No formaba parte de una élite criada en casa. Hay que pensarlo, ella era inmigrante, pero tenía una formación en los idiomas, era austríaca, hablaba francés, hablaba alemán, hablaba inglés. Porque se había criado en Viena. Pero cuando vino aquí, por razones que Europa estaba expulsando, se casó con un italiano que no tenía sus antecedentes, no tenía formación, el mismo nivel cultural

SUMARIO

que ella. Pero mi madre trabajaba, le gustaba obtener su propio sueldo, de tener su dinero. Mi madre trabajaba para sobrevivir; eso se lo transmitió a sus hijas. ¿Entiendes? Les transmitió algo así a sus hijas. Mi abuelo italiano, no. Mi madre siempre me animó a estudiar. Nunca me impidieron estudiar. Siempre me encantó leer y creo que mi madre quería que sus hijas fueran independientes. Cuando empecé a trabajar, mi madre me ayudó mucho. Siempre me vio trabajando. Incluso pensó que volaba mucho. Pero también, a menudo me autocontrolaba, porque crecí en una época en la que las mujeres solo estaban destinadas a casarse. Cuando me casé, mi esposo me siguió apoyando, mi marido es de mente abierta. Siempre me apoyó. Si tenía que viajar, lo hacía. Cuando fui a Estados Unidos, mis hijos ya eran grandes. Pero era yo quien solía autocontrolarse, cuestionarse, porque esa era parte de las condiciones y contexto en el que fui criada, porque crecí en medio de las ideas de ser criada para el matrimonio, para casarme. Pero una vez casada, el matrimonio nunca cerró las puertas a mis proyectos. Siempre he sido muy independiente, toda mi vida, pero fue algo que mi abuela y mi madre nos enseñaron, transmitieron a sus hijas, sabe, a tener su propio dinero, a ser independiente y que el matrimonio no tenía que cerrarme las puertas. Cuando concluí mis estudios profesionales yo no vi el final. Empecé a trabajar porque me gradué de maestra y enseñé. Pero más allá de necesitar trabajar para sobrevivir era algo más personal, de superación. Mi madre pensaba que estudias y ahora serás maestra y trabajarás. No se trata solo de estudiar y no trabajar. Tienes que ejercer tu profesión. Sí, era una necesidad para crecer personalmente, para conquistar la independencia. Obtuve mi maestría, luego... De la maestría al doctorado, me llevó un tiempo. Presenté un examen universitario. Luego finalmente me instalé en la universidad. Encontré lugares. Luego tuve a mis hijos. Según Bourdieu (1990), una carrera académica, no es ni ingenua ni maravillosa. Y me llevó un tiempo comprender este campo, ¿entiendes? Científico. Porque es muy velado. ¿Entiendes? Es muy velado. Pero yo nunca vi el fin, siempre

SUMARIO

quise seguir preparándome, estudiando, conociendo, apoyando a otros y acrecentar a la red de investigadores que había creado.

EE: ¿Usted hizo movilidad académica? Recuerdo que algo mencionó sobre una movilidad que realizó en Estados Unidos, si no me equivoco, ¿podría compartir cómo fue su experiencia?, ¿Qué significó la movilidad estudiantil para usted y qué significa ahora para quienes la estamos viviendo?

MM: Eso fue en 2002. Ya estaba en un punto determinado de mi carrera. ¿Cómo puedo decírtelo? No veía muchas perspectivas nuevas. Imagínate, en 2002. En 2002, muy poca gente de mi campo iba a Estados Unidos. La mayoría hacía su doctorado en Brasil. Las redes estaban en Brasil. En ese momento, yo coordinaba una red muy sólida llamada Universitas, vinculada al Grupo de Educación Superior de Amped. Pero estaba un poco desilusionada. Asistí a una conferencia. Conocí a un profesor aquí en Brasil (Siempre he sido de las que buscan información). Hablaba de un centro que tenía en Estados Unidos, en la Universidad de Texas. Fui a hablar con él. Era el director de un instituto de estudios latinoamericanos. Que, sin quererlo, era el instituto más grande fuera de Latinoamérica que estudiaba Latinoamérica. Con la biblioteca más grande sobre Latinoamérica. La tenía, porque era profesor e investigador en el Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico (CONACYT). Eso es otra historia. Sabía que yo tenía la oportunidad de solicitar una beca para pasar cuatro o cinco meses en el extranjero.

Yo contaba con un buen salario, y la beca tampoco estaba mal. Me bastó para sobrevivir. Así que leí un poco sobre el instituto y me interesó. Luego pedí una carta, porque ya me conocía. Mostré mi currículum, me ofreció si quería ir, y acepté. Y creo que fue muy decisivo en mi vida. Porque, en ese momento, la tecnología que existe hoy no existía. ¿Y qué hice, básicamente? Por supuesto la integración de material era una biblioteca pequeña. Déjame decirte, descubrí una sala llena de enciclopedias educativas. Fue una locura.

SUMÁRIO

Era el paraíso. Primero, porque no era de internet. Y empecé a mirar enciclopedias, aquí en Brasil no teníamos nada parecido a ellas. Me di cuenta de lo deficientes que estábamos. De ahí en adelante, se me ocurrió la idea y organicé estas cuatro enciclopedias. ¿Por qué no podíamos hacerlo? Lo hicimos. Y fue así. Porque, en ese entonces, había bibliotecas. La gente pasaba tiempo en la biblioteca. Cuando regresé a Brasil ya tenía organizada esta red, la Red Sur de Brasil de Investigadores en Educación Superior (RIES). Y les propuse que hiciéramos nuestras propias bibliotecas. Todos estuvieron de acuerdo. Bueno, estaba el primero, que era la enciclopedia de pedagogía universitaria. El segundo era la misma enciclopedia de pedagogía universitaria, un glosario. Trabajé un poco más en el tercero, que era más oral, sobre el país de lengua portuguesa. Luego, el cuarto, que es el verde, es el glosario. Y el último, entonces. Luego dimos un salto aún mayor: la Enciclopedia Brasileña de Educación Superior (EBES). Fue un salto enorme. Así que, básicamente, eso fue todo. Llegar a Estados Unidos me abrió un horizonte. Con mi viaje a Texas, además de construir, digamos, estas enciclopedias, construí una red. Y con esta red, gané una convocatoria. Envié a seis profesores de la Universidad de Texas para que se especializaran. Fue una convocatoria que casi nadie ganó, porque cuando fui, no era muy común en Estados Unidos. Y cuando regresé, ya tenía la red prácticamente construida. Cuando salió la convocatoria, clasifiqué. Clasifiqué porque ya era investigadora, había ido a Texas y todo eso. Pero la mayoría de los que calificaron eran del área de medicina, no del área de educación. Solo unos pocos del área de educación lo hicieron. Entonces ¿de qué sirve construir la red y de qué sirve que el gobierno te de una beca para movilidad? El gobierno me pagó y paga. Pero Brasil ganó y gana con esta movilidad el triple. Claro que él ganó el triple, porque además de que yo empecé a producir una enciclopedia (producción académica para mi país), envié gente allí, a Texas para seguir preparándose, impulsé la movilidad de otros compañeros. Todos nos expandimos. La verdad es que me costó conseguir que la gente fuera. Tenía muchas más becas. O quizás porque

era mujer. Quizás fue así, ¿sabes? Lo que quería era educar. Quería una agenda educativa para la facultad de educación de allí. Quería devolverle algo a mi país.

EE: Conocer su trayectoria, los esfuerzos académicos que requirió hacer y que ahora le valen su reconocimiento es gratificante, gracias por compartir su experiencia, profesora Marilia. Ahora, regresando a lo que significa *Move La América* y situando la importancia de este programa para la inclusión de estudiantes de posgrados para que pudieran llevar a cabo movilidad estudiantil en Brasil con una beca de apoyo de manutención, ¿cuáles son los beneficios de ida y vuelta que percibe?

MM: Entonces, este programa de movilidad, desde mi perspectiva y experiencia, es un programa que creo que apenas está empezando. Puede que aún no se haya generalizado, pero su propósito es crear esta oportunidad de intercambio. Porque construir redes fortalece al estudiante y su trayectoria académica. Por ejemplo, tú estás aquí. Ya habías conocido a la gente que necesitabas conocer. Tomaste un curso, participaste en algo. Ahora bien, ¿qué hace eso? Le permite continuar al estudiante su red de contactos cuando regresa a su país de origen. Sabe que la profesora Egeslaine de Nez existe. En otras palabras, puede seguir desarrollando tecnologías. Esto sigue siendo posible. Y más aún, y aquí definiendo otro concepto, en el caso de *Move La América*, que creo que es la complementariedad de las formas de internacionalización. Diana realizó el programa presencial. Pero ahora lo complementará con la internacionalización en casa. Porque a menudo, alguien puede tener alta tecnología, pero no sabe quiénes son las personas. No sabe quiénes son esas personas ni cómo va a contactarlas. El estudiante visita algunas universidades, conocen a una red que trabaja en su campo de estudio. Y, al regresar, tiene una gran oportunidad de buscar construir redes, de ser incluida en la red existente. Y esto, obviamente, marca una gran diferencia. Fortalecer los lazos con esta red. Sí, eso es lo importante, crear redes, saber que estamos conectados, trabajando, y que nuestros

SUMARIO



horizontes de acción y de generación de conocimiento es amplio y se genera gracias a estos programas que son de ida y vuelta, te brindan un apoyo, pero el país también recibe bondades.

EE: Nuevamente agradezco por su disposición, profesora Marilia, escucharla ha sido motivador. Gracias por compartir parte de su trayectoria académica, de sus luchas y conquistas, sin duda, después de escucharla la veo con más admiración. Creo que usted ha referido a la dimensión intercultural que genera la internacionalización de la educación a través de la movilidad académica y estudiantil. *Move La América* como programa ha abierto los espacios de encuentro entre estudiantes extranjeros y locales de Brasil para mostrar una ventana al conocimiento de otras culturas, a conocer al otro, no para asimilarlo, sino para comprenderlo y conocer, desde su mirada, su realidad, su perspectiva, su pueblo, su visión de la educación y su cultura. Los países del continente americano tienen una historia común de conquista que los hermana, que los hace recordar a sus pueblos originarios, que nos hace reflexionar y repensar sobre nuestra identidad, sobre el pasado y el presente de nuestra historia, pero también sobre las condiciones de vida por las que estamos atravesados, de lucha de independencias y de la búsqueda por generar conocimiento desde nuestra propia voz y contexto inmediato, así como de atender las problemáticas sociales que nos interpelan en nuestros contextos. Conocer su trayectoria de formación y la movilidad académica que usted vivió refuerzan la cultura de la inclusión de quienes menos posibilidades tienen para acceder a la educación, pero también, la necesidad de generar mecanismos y programas que garanticen que tengan un horizonte más amplio de posibilidades después de la graduación y que el ser madre o contraer matrimonio no represente un obstáculo o una negación al acceso para que se sigan preparando en el campo de la docencia e investigación.

La movilidad académica sin duda, como lo ha referido, es una experiencia trascendental, un hito en la vida académica de todo estudiante. Las posibilidades de generar red, intercambios,

SUMARIO



de impactar en la vida de otros jóvenes investigadores, impulsándolos a que ellos también realicen una movilidad que les dé perspectivas de alcance profesional y de intercambios en las diversas áreas de la producción de conocimiento, es vital para seguir promoviendo programas como *Move La América*.

SUMARIO





**CONCLUYENDO
LA CAMINATA...**

ENCUENTROS QUE TRANSFORMAN AL SER HUMANO EN FORMACIÓN ACADÉMICA: TEJIENDO ALIANZAS - CONSTRUYENDO COMUNIDAD EN AMÉRICA LATINA

SUMARIO

Cada persona lee con los ojos que tiene. E interpreta desde donde están sus pies. Cada punto de vista es la visión desde un punto (Boff, 2021, p. 1).

La internacionalización de la educación superior, entendida desde la movilidad estudiantil, no se termina con el regreso del estudiante a su país de origen ni se agota en la entrega de los trabajos académicos. Al contrario, la verdadera internacionalización es un proceso que se inicia con la experiencia y se proyecta en el tiempo. Su propósito tampoco es propiciar una fuga de cerebros, sino fomentar la conciencia colectiva, despertar la solidaridad y fortalecer los lazos construidos, aquellos que deben mantenerse y ampliarse. Es en este punto donde una comunidad académica crece y donde el esfuerzo emprendido por una nación se extiende y dialoga con otras realidades.

Asimismo, no puede reducirse a prácticas de cooperación que reproduzcan la exclusión de estudiantes históricamente marginados del acceso a la educación. Comienza, más bien, cuando quienes han vivido una experiencia de movilidad reconocen los desafíos de sus propios contextos y asumen el compromiso de trabajar por la democratización de la educación, el ejercicio de derechos y la ampliación del acceso a la salud, al trabajo y a la ciencia.

Brasil puede consolidarse como un centro de articulación de una región aliada, un espacio de vínculos construidos gracias

SUMÁRIO

a programas de movilidad como *Move La América*, que apuestan por el encuentro sur-sur y por el reconocimiento de que el conocimiento también se produce y circula desde estas latitudes. La experiencia demuestra que compartimos más de lo que solemos imaginar. Los estudiantes que regresan a sus países - muchos de ellos hoy maestros y doctores - son responsables por dar continuidad a estos vínculos y de sostener la internacionalización de la educación más allá de la estancia académica. Este compromiso no es únicamente académico, sino profundamente social. Cada estudiante conoció en esta experiencia un reflejo de sus propios sueños, metas y luchas; detrás de ellos existen muchos más que requieren acompañamiento, estímulo y apoyo para alcanzar sus aspiraciones.

Las experiencias estéticas, académicas, políticas, sociales y culturales vividas permanecen en la medida en que son compartidas. Siguen activas en la memoria individual y colectiva, especialmente cuando otros preguntan ¿cómo es Brasil?, ¿cómo son allá? Entonces podemos responder que nos une la humanidad, la lucha compartida, la calidez, el acento melifluo de una lengua común y narrativas históricas que merecen ser visibilizadas. Las experiencias aquí reunidas buscan constituirse como una plataforma de diálogo y debate, un espacio de encuentro y, sobre todo, de extensión hacia otros públicos.

Son también una forma de reconocer los esfuerzos realizados por Brasil y por quienes hicieron posible este programa, de expresar gratitud y de manifestar el deseo de que estas convocatorias continúen. Las voces aquí plasmadas representan a muchos otros que anhelan regresar y compartir con el mundo la relevancia de estas vivencias, con la esperanza de que quienes las lean encuentren en ellas un fragmento de la experiencia y se animen a vivir este encuentro en una región amiga.

Muchos de nosotros logramos vivir más allá de la vida que habíamos imaginado. Esa posibilidad se abre cuando se trascienden los límites de lo previsto. Brasil fue una experiencia inesperada,

SUMARIO

pero profundamente transformadora. Este texto se presenta como un “registro” y una “memoria” que se resisten al olvido de aquellos días en los que reconocimos que estábamos viviendo un sueño impen-sado. Esto porque “Mi cuerpo está hecho enteramente de memoria y mis ojos contienen la historia”. Fue entonces cuando comprendimos cuán vivos estábamos y el sentido de hermandad que se forjó más allá de las nacionalidades.

Para vivir una experiencia de movilidad académica es necesario que el Estado, las instituciones y la sociedad crean en la educación, en que la educación es la vía para encaminarnos hacia realidades más humanas, críticas, igualitarias y empáticas entre sí, además de ello se requiere tener voluntad y hacer del concepto de cooperación la práctica. Por ello, impulsar convocatorias, propues-tas y pasos a desarrollar para garantizar que la internacionalización de la educación sea una realidad más asequible y alcanzable para los estudiantes del mundo es una tarea que requiere una suma de esfuerzos y de intentos, de recuperación de percepciones, reflexiones y discusiones que nos acerquen con mayor sensibilidad y materiali-dad al fenómeno de la internacionalización de la educación superior.

A pesar de que en el contexto educativo a nivel superior se ha discutido ampliamente la movilidad académica y la importancia de internacionalizar los programas educativos – mediante el establecimiento de vínculos interinstitucionales, el desarrollo de becas y programas de movilidad, y la promoción de intercambios estu-dian-tils orientados a fomentar la interculturalidad y mejorar la calidad educativa –, estos aspectos clave de la internacionalización han sido escasamente abordados desde una perspectiva distinta a la teórica. Son pocos los estudios que ofrecen una visión integral de los proce-sos. Por ejemplo, solamente algunos abordan los casos en los que el intercambio cultural no se concreta debido a la prevalencia visiones estereotipadas o desvalorizadoras sobre otras culturas. Asimismo se discute poco sobre los procesos administrativos que enfrentan los estudiantes que buscan o logran realizar movilidad, así como sobre

SUMÁRIO

las dificultades que atraviesan los docentes para acceder a estas experiencias. En su caso, suelen enfrentar limitaciones vinculadas a los permisos institucionales y a las condiciones de contratación, lo que restringe la posibilidad de solicitar licencias. De este modo, si bien la movilidad académica constituye una experiencia enriquecedora, también implica una serie de retos y desafíos que complejizan tanto su concepción como su viabilidad en la práctica.

Otro punto poco discutido es el de la salud mental en los procesos de movilidad académica, las luchas personales a las que se enfrenta un estudiante o docente al cambiar de residencia temporalmente, las adaptaciones fisiográficas, horarias, alimentarias, lingüísticas que se presentan durante las estancias de investigación, vinculación o extensión que se realizan; en resumen, la percepción de los actores involucrados en estos procesos de movilidad es que han sido desestimados, otorgándose mayor relevancia a los datos cuantitativos, tales como el número de estudiantes por país que participan en programas de movilidad, la inversión realizada y las vinculaciones generadas. En este contexto, las aportaciones subjetivas quedan relegadas, sin ser visibilizadas, reconocidas ni discutidas, lo que limita la posibilidad de mejorar los procesos, las becas, los programas y las experiencias de los y las estudiantes en futuras ediciones.

Estas razones son las que promovieron la necesidad de escribir un libro con las voces de los estudiantes que participaron en el programa de movilidad académica estimulado por el gobierno de Brasil. Relatar desde este lugar fue el propósito, con la esperanza de que este testimonio encuentre eco y vuelva a convocar a colegas y amistades a una conversación compartida, así como a seguir trascendiendo los límites de lo alcanzable y de lo posible.

REFERENCIAS

ARANGO, D. S. **La movilidad académica internacional en América Latina:** obstáculos y oportunidades. Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 2009.

AUPETIT, S. A. **Internacionalización de la educación superior en América Latina:** discursos, estrategias y desafíos. Cidade do México: ANUIES, 2014.

BAHENA, J. **Una diáspora de talentos financiada por el estado:** cámara, periodismo legislativo, n. 21, v. 1, 2024.

BARROS, M. **Recuerdos inventados.** São Paulo: Alfaguara Brasil, 2018.

BOFF, L. **Durante el aislamiento social:** qué leer y cómo leer. 2021. Disponible en: <https://leonardoboff.org/2021/03/23/durante-o-isolamento-social-o-que-ler-e-como-ler-i/>. Acceso en: 13 jan. 2026.

BOURDIEU, P. **La reproducción:** elementos para una teoría del sistema de enseñanza. Cidade do México: Fontamara, 1990.

BUSTOS-AGUIRRE, M. L.; CASTIELLO-GUTIÉRREZ, S.; VELASCO, C. I. C.; MALDONADO-MALDONADO, A.; BETANZOS, A. R. **Movilidad estudiantil en educación superior en México** (2016-2017, 2017-2018 y 2018-2019). 2022. Disponible en: https://repositoriointernacional.anuies.mx/wp-content/uploads/2024/06/Reporte_Mov_2023_Junio-20-2024-vfinal.pdf. Acceso en: 13 jan. 2026.

GACEL-ÁVILA, J. **La internacionalización de la educación superior:** aspectos teóricos y su aplicación en América Latina. Universidad de Guadalajara, 2000. Disponible en: <http://www.publicaciones.cucsh.udg.mx/kiosko/2003/internacionalizacion.htm>. Acceso en: 13 jan. 2026.

GALLARDO, M. **La maternidad condiciona las posibilidades de promoción en la universidad:** the conversation. Universidad de Murcia, 2021. Disponible en: <https://theconversation.com/la-maternidad-condiciona-las-posibilidades-de-promocion-en-la-universidad-152194> . Acceso en: 26 dic. 2025.

SUMÁRIO



SUMÁRIO

GÓMEZ, M. O.; PÉREZ, W. G.; LEYVA, J. L. S. La movilidad académica internacional: experiencias de los estudiantes en Instituciones de Educación Superior de Colombia y México. **Revista de Educación Superior**, v. 48, n. 190, p. 71-92, jun. 2019. Disponible en: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-27602019000200071&lng=es&nrm=iso. Acceso en: 20 dic. 2025.

LEÓN-PORTILLA, M. **Trece poetas del mundo azteca**. Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas, pp. 205-206. 2016. Disponible en: https://historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/libros/trece_poetas/04_12_poetas11.pdf. Acceso en: 02 abr. 2026.

LUHMANN, N. **Social systems**. California: Stanford University Press, 1995.

MARQUES, M. O. **Escribir es esencial**: principio de la investigación. 5. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

MAYER, L.; CATALANO, B. Internacionalización de la educación y movilidad: Reflexiones a partir del caso argentino. **Universitas**: revista de ciencias sociales y humanas, n. 29, v. 1, p. 19-41, 2018. Disponible en: <https://www.redalyc.org/journal/4761/476156577001/html/>. Acceso en: 27 dic. 2025.

MILLS, D. **Movilidad académica en la educación superior**: documento para la conferencia mundial de educación superior, 2022. UNESCO. Disponible en: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000389878_spa. Acceso en: 26 dic. 2025.

NEZ, E.; SANTOS, D. W. A.; QUINTANA, I. P. **Diálogos entre Brasil y Uruguay**: "una mirada" hacia la internacionalización de la educación superior en el sur-global. Políticas educativas. 2024. Disponible en: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Poled/article/view/140799>. Acceso en: 26 dic. 2025.

PALMA, J. J. G. Movilidad estudiantil internacional y cooperación educativa en el nivel superior de educación. **Revista iberoamericana de educación**, n. 1, v. 61, p. 59-76, 2013. Disponible en: <https://rieoei.org/RIE/article/view/600>. Acceso en: 18 jan. 2026.

RINCÓN, C. Movilidad académica y políticas educativas: Una mirada desde el sur. **Revista latinoamericana de educación**, n. 1, v. 18, p. 45-59, 2013. Disponible en: <https://revistas.unilibre.edu.co/>. Acceso en: 12 dic. 2025.

SCHULZ, A. Q. **Posgrado y movilidad académica internacional**: doctorados en educación en Brasil y México. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

SCHOPENHAUER, A. **Parerga und paralipomena**: kleine philosophische schriften. Berlin: Druck und Verlag von A. W. Hayn, 1851.

STROMQUIST, N. P. La internacionalización: entre la promesa de la calidad y el riesgo de la homogeneización. **Revista de la educación superior**, v. 37, n. 145, p. 89-99. 2008. Disponible en: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-27602008000100008. Acceso en: 29 jan. 2026.

UNESCO. Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura (UNESCO). **Educación 2030**: hacia una educación de calidad, inclusiva y equitativa y un aprendizaje permanente para todos. Incheon: UNESCO, 2015. Disponible en: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000243278>. Acceso en: 8 jan. 2026.

UNESCO. **Objetivos de desarrollo sostenible**. Disponible en: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acceso en: 8 jan. 2026.

VIVEROS, C. H.; CORTÉS, M. E. Mercado laboral de profesionistas en México en el 2022: análisis mediante un modelo multicriterio jerárquico. **Figuras**: revista académica de investigación, n. 3, v. 11, p. 119-140, 2023. Disponible en: <https://revistafiguras.acatlan.unam.mx/index.php/figuras/article/view/276>. Acceso en: 28 jan. 2026.

SUMÁRIO



APÉNDICE

MODELO DE FORMULARIO DE *GOOGLE FORMS* APLICADO A LOS ENTREVISTADOS

SUMARIO



The image shows a screenshot of a Google Forms survey. At the top, there is a toolbar with icons for editing, sharing, and other functions. Below the toolbar, the title of the form is 'Copia de Copia de Formulario sin título'. The form is divided into three sections: 'Preguntas', 'Respuestas' (with 37 responses), and 'Configuración'. The 'Preguntas' section is active, showing a question titled 'Retos y desafíos de Move la América'. The question text reads: 'Hola, mi nombre es Diana Erika y soy estudiante de intercambio, al igual que ustedes, y mi orientadora es la profesora Egeslaine de Nez, docente de la Facultad de Educación de la UFRGS. Estamos presentando este formulario como parte de una investigación que busca abordar los desafíos asociados al programa'.

RETOS Y DESAFÍOS DE MOVE LA AMÉRICA

Hola, mi nombre es Diana Erika y soy estudiante de intercambio, al igual que ustedes, y mi orientadora es la profesora Egeslaine de Nez, docente de la Facultad de Educación de la UFRGS.

Estamos presentando este formulario como parte de una investigación que busca abordar los desafíos asociados al programa *Move La América*.

Para ello, es fundamental contar con su opinión respecto a los procesos administrativos, sus expectativas y los retos que enfrentaron durante su experiencia con esta movilidad. Conocer sus vivencias como beneficiarios de la beca *Move La América* será de gran valor para este proyecto cuyo objetivo es analizar en su conjunto los procesos administrativos que fueron realizados y para que en un futuro se pueda proponer una gestión más amigable con los aspirantes de dichas convocatorias.

De antemano agradecemos su colaboración.

CORREO

Nombre:

Edad:

Sexo: ☐ Femenino ☐ Masculino ☐ No binario

Nacionalidad:

Curso de educación superior:

Año de graduación:

SUMÁRIO



SUMARIO

Posgrado que cursa: ☐ Maestría ☐ Doctorado

Institución donde cursa el posgrado actual:

Temática de la tesis o investigación que está realizando:

¿En qué facultad está llevando a cabo su movilidad?

¿Cuánto tiempo durará su pasantía en Brasil?

☐ 2 meses ☐ tres a cuatro meses ☐ 5 a 6 meses

¿Cómo te enteraste de la convocatoria de Move La América y cómo decidiste participar?

Menciona cinco palabras clave que definan el proyecto que presentaste para participar en la convocatoria.

¿Te enfrentaste a algunas dificultades administrativas o burocráticas durante el proceso de selección de Move La América? ☐ Sí ☐ No

Cuáles fueron esas dificultades?

Además de ser estudiante de posgrado, ¿hubo retos y desafíos (familiares, culturales, de género, sociales, económicos) a los que te enfrentaste cuando decidiste emprender la movilidad estudiantil? ☐ Sí ☐ No

¿Cuáles fueron esos retos y desafíos (familiares, culturales, de género, sociales, económicos) a los que te enfrentaste?

¿Cómo fue el contacto y comunicación con las autoridades administrativas de este programa y otras instituciones (por ejemplo, para el trámite del CPF)?

¿Usted cree que esta movilidad impactará en su vida académica, profesional y personal? ☐ Sí ☐ No

¿Cuáles crees que serán esos impactos o cambios en lo personal y profesional?

¿Su orientador en Brasil le ha brindado acompañamiento durante todo su proceso* de movilidad? ☐ Sí ☐ No

¿Podría comentar qué es lo que más le ha gustado de su estadía en Porto Alegre y del contexto académico en esta ciudad?:

Gracias por responder este cuestionario.

SUMÁRIO



POSFÁCIO

A obra *Move La América: interculturalidad y alianza entre pueblos* - escrito por una brasileña y una mexicana invita al lector a comprender la rica experiencia vivida por personas de diferentes nacionalidades que participaron en el programa *Move La América*. Esta iniciativa permitió a nuestra amiga Diana cruzar múltiples fronteras al viajar a Brasil, no solo para realizar actividades de formación, sino también para participar en seminarios, eventos y acciones vinculadas a la universidad y grupos de investigación, así como para establecer redes de pesquisa, conexiones académicas y humanas.

Estas redes se caracterizan por su continuidad, independientemente del espacio geográfico donde se ubiquen los sujetos, lo que permite es el desarrollo de actividades colaborativas que resultan en la producción de obras diversas y, sobre todo, en la ampliación de las oportunidades de aprendizaje sobre diferentes contextos, culturas e idiomas. Se trata, por tanto, de la experiencia de un proceso efectivo de interculturalidad e internacionalización.

Gracias a esta experiencia, pudimos conocer personalmente a Diana y participar en fructíferos intercambios académicos, culturales y sociales, lo que permitió una conexión más significativa y una experiencia concreta de la interculturalidad que promueve este programa de internacionalización. Cabe destacar que el programa *Move La América* se ha consolidado como una importante estrategia para la democratización de la educación superior, basada en la cooperación entre universidades de diferentes países, contribuyendo especialmente al fortalecimiento de las relaciones interculturales y a la internacionalización del conocimiento en el contexto latinoamericano.

Como se evidencia en este trabajo, el programa no se limita a presentar las oportunidades que ofrece, sino que, sobre todo, resalta

SUMÁRIO



SUMÁRIO

la riqueza de la experiencia de inmersión en nuevos conocimientos, culturas y experticias. Además, fomentó la integración entre investigadores e instituciones, favoreciendo la construcción colectiva de reflexiones y políticas que pueden fortalecer el debate sobre la calidad de la educación superior a través de la internacionalización. Entre la superación de desafíos y la construcción de nuevas experiencias de aprendizaje, el trabajo inspira la ampliación de horizontes previamente considerados inalcanzables, destacando la importancia y relevancia de este programa.

Que este trabajo pueda ser fuente de inspiración para que los investigadores participen en esta experiencia formativa y académica, contribuyendo a la creación y el fortalecimiento de nuevas redes de conocimiento, aprendizaje y pesquisa.

Juliana Fatima Serraglio Pasini

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SOBRE LAS AUTORAS

SUMÁRIO



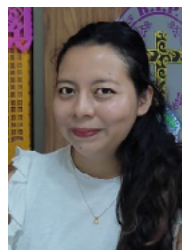
Egeslaine de Nez

Pós-doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande dos Sul (PUCRS) e doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), docente na Faculdade de Educação (FACED) e no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEDU) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Líder do Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU/Int): INTerculturalidade, INTernacionalização e INTegração de saberes.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6197279063733225>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0316-0080>

E-mail: e.denez@yahoo.com.br



Diana Erika Cruz Jiménez

Doctora en Estudios Regionales con línea de investigación en Comunicación, Cultura e Historia por la Benemérita Universidad Autónoma de Chiapas (UNACH), maestra en Historia por la Universidad Autónoma de Ciencias y Artes de Chiapas (UNICACH). Docente en la Universidad Autónoma de Ciencias y Artes de Chiapas (UNICACH), Facultad de Artes y Humanidades y miembro del Grupo de Estudios sobre Universidade (GEU/Int): INTerculturalidade, INTernacionalização e INTegração de saberes.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9336133810331097>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5199-0866>

Email: diana7erika@gmail.com

ÍNDICE ANALÍTICO

SUMARIO

C

capital cultural 29, 33, 60, 69, 80
capital económico 22, 60
capital social 55, 63
contexto globalizado 17
contextos educativos 28, 43, 76
contextos sociales 22, 37
cooperación interinstitucional 17, 29, 64
cooperación internacional 18, 99
credenciales académicas 47
cultura institucional 59

D

democratización del conocimiento 28
desafíos subjetivos 20
desarrollo personal 19
desigualdades sociales 29
diálogo intercultural 22, 24
dimensión humana 21
dimensión internacional 23, 38, 56, 68
dimensión política 19, 79
diversidad cultural 18, 19
doble titulación 53, 72, 98, 101
doctorado 36, 47, 50, 51, 53, 64, 65, 74, 83, 89, 107, 108

E

ecología de saberes 25
educación superior 15, 17, 23, 29, 38, 52, 56, 85, 90, 99, 102, 103, 105, 106, 114, 116, 118, 119, 120, 122, 125, 126
enfoque cualitativo 20
entrevistas 21, 22, 24, 37, 73, 74, 75
equidad 58
equidad del programa 58

espacios relacionales 44

estancia académica 115

estancia de investigación 44

estudiantes extranjeros 14, 18, 38, 39, 40, 41, 52, 55, 58, 66, 70, 72, 97, 98, 99, 100, 104, 111

estudiantes internacionales 35, 58, 99

estudios de posgrado 44, 47, 48, 50, 54, 76, 80, 85, 86, 104

experiencias educativas 21

experiencia vivida 18, 20, 21, 125

F

formación académica 20, 46, 47, 81, 92, 114

G

Google Forms 43, 44, 121

H

historias de vida 37

horizonte analítico 21

I

identidades de género 48, 60

impacto positivo 19

inclusión 18, 19, 20, 48, 76, 80, 101, 110, 111

inmersión académica 53

innovación social 20

integración académica 17, 29, 30

intercambio académico 17, 31, 32, 33, 69

intercambio de conocimientos 19

intercambio de experiencias 17, 22

interculturalidad 18, 24, 26, 27, 68, 73, 91, 93, 116, 125

internacionalización de la educación superior 15, 17, 23, 29, 52, 102, 103, 114, 116, 118, 119

internacionalización en casa 110

investigación científica 75

SUMÁRIO

J

jóvenes investigadores 41, 55, 79, 80, 112

L

liderazgo 19, 30, 96

Linha direta 57, 58

M

maestría 50, 53, 64, 74, 81, 82, 89, 107

mercado laboral 47, 50

movilidad académica 17, 20, 21, 23, 24, 28, 30, 31, 44, 46, 50, 52, 53, 55, 56, 59, 60, 61, 63, 68, 69, 70, 71, 75, 78, 79, 80, 90, 91, 93, 101, 108, 111, 116, 117, 118, 119

movilidad estudiantil 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 28, 29, 30, 32, 34, 36, 37, 38, 43, 51, 61, 66, 80, 92, 93, 95, 96, 99, 101, 108, 110, 114, 123

movilidad estudiantil internacional 20, 21, 28, 61, 96

movimiento humano 20

O

oportunidades académicas 19, 48, 66, 75

P

patrones estructurales 28

percepciones 20, 24, 28, 37, 38, 116

percepciones cualitativas 38

percepción subjetiva 21

permanencia 52, 59, 104

políticas inclusivas 25

políticas públicas 28, 33, 83, 92

posgrado 17, 21, 23, 24, 32, 36, 39, 40, 44, 45, 47, 48, 50, 51, 53, 54, 56, 63, 72, 74, 76, 77, 80, 85, 86, 89, 91, 93, 96, 104, 105, 123

producción académica 51, 109

producción científica colaborativa 40

programa de movilidad 41, 55, 59, 90, 102, 110, 117

programas de intercambio 28

proyecto académico 39

R

red académica 55

redes colaborativas 20

redes de contacto 44, 54, 64, 68

redes de investigación 60, 78

redes intelectuales 41, 73

relaciones internacionales 46, 53, 57, 63, 97

S

saberes 18, 24, 25, 52, 69, 127

segunda lengua 33

sostenibilidad 20, 61

subjetividad 25

T

testimonios 20, 21, 58, 59, 61, 63, 74, 75, 91

trabajo comunitario 19

trabajo etnográfico 25

transferencia de conocimiento 51

trayectoria académica 21, 78, 79, 83, 90, 96, 110, 111

trayectorias académicas 28, 93

U

universidad 22, 30, 36, 39, 54, 57, 62, 64, 76, 81, 82, 89, 96, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 107, 118, 125

V

vinculación 51, 117

voces 18, 20, 21, 28, 71, 73, 91, 93, 115, 117

vulnerabilidad económica 58

www.PIMENTACULTURAL.com

MOVE LA AMÉRICA

INTERCULTURALIDAD
Y ALIANZA ENTRE
PUEBLOS

Escrito por
una brasileña
y una mexicana

